R.B169,725

*Presented to the*

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

*by*

**Professor**

**Ralph G. Stanton**

# ODES PINDARICAS,

DE

ANTONIO DINYS DA CRUZ E SILVA;

CHAMADO ENTRE OS POETAS

DA

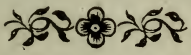
ARCADIA PORTUGUEZA,

ELPINO NONACRIENSE.

---

*Non, si priores Mæonius tenet*
*Sedes Homerus, Pindaricæ latent,*
*Ceæque, & Alcæi minaces,*
*Stesichorique graves, Camœnæ.*
HORAT. CARM. Lib. IV, Ode IX.

---



*LONDRES:*

NA OFFICINA DE T. C. HANSARD, PETERBORO'-COURT,
FLEET STREET.

1820.

Vixere fortes ante Agamemnona
Multi: sed omnes illacrymabiles
Urgentur ignotique longâ
Nocte, carent quia Vate sacro.

HORAT. CARM. *Lib. IV, Ode IX.*

# ADVERTENCIA

DOS

# EDITORES.

*ESTA Ediçaõ das* Odes Pindaricas *de* Antonio Dinys *he conforme com um Manuscripto que naõ differe essencialmente da Ediçaõ de Coimbra de* 1801, *senaõ em alguns poucos versos e palavras, que tambem aquella traz notadas entre as suas variantes: a orthographia porèm do nosso exemplar he mais bem entendida e uniforme.*

*Todas as Poesias de Antonio Dinys saõ tidas geralmente em grande estimaçaõ; porèm entre ellas naõ só tem as Odes Pindaricas o primeiro logar, mas ainda na opiniaõ geral saõ reputadas como a melhor producçaõ dos nossos Poetas modernos.*

*Dois Portuguezes, que residem actualmente em Londres, mandaram fazer a presente Ediçaõ, unicamente para terem o gosto de as ver impressas em melhor formato que o das Edições até agora publicadas, e ao mesmo tempo com mais asseio de typo e correcçaõ de imprensa.*

*Londres,*
3 *de Março de* 1820.

# INDICE.


| Ode | | Pag. |
|---|---|---|
| 1. | A Dom Vasco da Gama | 1 |
| 2. | A Henrique de Macedo | 6 |
| 3. | A André Furtado Mendonça | 12 |
| 4. | A Antonio Correa Baharem | 19 |
| 5. | A Dom Paulo de Lima | 25 |
| 6. | A Joaõ Fernandes Vieira | 31 |
| 7. | A Heitor da Silveira | 41 |
| 8. | A Nuno Alvares Botelho | 47 |
| 9. | A Antonio de Saldanha | 53 |
| 10. | A Dom Joaõ de Castro | 60 |
| 11. | A Antonio Moniz Barretto | 66 |
| 12. | A Salvador Ribeiro de Sousa | 71 |
| 13. | A Joaõ Rodrigues de Sa[s] | 74 |
| 14. | A Duarte Pacheco Pereira | 80 |
| 15. | A Fernando Peres de Andrade | 86 |
| 16. | A Nuno Fernandes de Ataide | 91 |
| 17. | A Gonçalo Pereira Marramaques | 97 |
| 18. | A Andre de Albuquerque | 102 |
| 19. | A Mem Lopes Carrasco | 107 |
| 20. | A Antonio Galvão | 111 |
| 21. | A Lopo de Sousa Coutinho | 119 |

# INDICE.


| Ode | | Pag. |
|---|---|---|
| 22. | A Diogo da Silveira | 124 |
| 23. | A Antonio da Silveira | 131 |
| 24. | A Sua Alteza o Conde de Schaumbourg Lippe | 138 |
| 25. | Ao Ill° e Ex° S. Sebastião José de Carvalho | 145 |
| 26. | Ao mesmo S. creando-o S. M. Grande de Portugal, Conde de Oeiras | 153 |
| 27. | Ao mesmo S. fundando a Villa de S. Antonio de Arenilha | 163 |
| 28. | A' Inauguraçaõ da Estatua Equestre | 169 |
| 29. | Ao Ill° e Ex° S. Marquez de Pombal, Reformando a Universidade de Coimbra | 178 |
| 30. | A S. M. Fidel. o S. Rei D. Jose I | 186 |
| 31. | Ao Ill° e Ex° S. Henrique José Maria Adaõ, no dia das suas Nupcias | 197 |
| 32. | Ao Ill° e Ex° S. Joaõ de Saldanha, Morgado de Oliveira | 203 |
| 33. | Ao Ill° e Ex° S. Martinho de Mello e Castro | 208 |
| 34. | A Dom Joaõ da Silva | 216 |

# ODE I.

A D. VASCO DA GAMA, CONDE DA VIDIGUEIRA, E PRIMEIRO ALMIRANTE DO MAR DA INDIA.

ESTROFE 1.

BEM que a teu alto esforço eterna crôa
Tecesse, inclyto Gama,
Clarim sonoro, que no Pindo vôa
Sobre as asas da fama;
Eu que, apezar da inveja e seus furores,
Aos astros levo o nome Lusitano,
A' minha lyra o pano
Pelo mar soltarei dos teus louvores.

ANTISTROFE 1.

Por largo campo, indomito e fremente,
Corre o Nilo espumoso:
Feroz alaga a rapida corrente
O Egypto fabuloso:
Mas se na gran carreira, às ondas grato,
Tributo de caudaes rios acceita,
Soberbo naõ rejeita
Pobre feudo de incognito regato.

EPODO 1.

Da Emonia Iolcos denodado parte
O Thessalo extremado;
E do campo salgado
Com cem remos varrendo immensa parte,
As fauces entra do espantoso Euxino,
Chega a Colchos e rouba o Velocino.

ESTROFE 2.

A grande acção, de gloria a Grecia chêa,
Corre a fazer famosa:
Oh de ricas ficções que longa têa
Tece em Pimpla vaidosa!
Feroces touros que, calçados de aço,
Bròtão de negro fumo atroz torrente,
Fera, immensa serpente,
Fez em Colchos ceder ao forte braço.

ANTISTROFE 2.

Do negro mar na foz alçou fervendo
Vivas vadantes ilhas,
Que a morte intìmão, com fragor horrendo,
De longe às curvas quilhas:
Os ventos sólta pelos mares largos,
E por mais realçar Jason valente,
Na região luzente,
Entre os astros colloca a immortal Argos.

EPODO 2.

Assim o povo do Parnaso usa
Entalhar na memoria
De alto varão a gloria.
Orna a verdade, mas naõ mente, a Musa:
Costume taõ gentil eu naõ condemno;
Exemplo tenho no cantor de Ismeno.

ESTROFE 3.

Mas de estranhos adornos naõ carece
O peregrino Gama:
Taõ alto vôa, tanto resplendece
No mundo a sua fama!
Elle naõ desfraldou em curvo braço
Do tormentoso mar timidas vélas,
Mas as crueis procellas
Do Oceano domou por largo espaço.

ANTISTROFE 3.

Qual setta ao alvo, pelo campo undoso,
Com heroica firmeza,
A rematar correu o heroe famoso
A portentosa empreza.
A seus passos em vão barbara gente,
Horrendos cabos, Syrtes estuosas,
Se lhe oppõem espantosas,
Que a seu pezar entrou no occulto Oriente.

EPODO 3.

Nymphas do Ganges, que levar o vistes
No grande lenho ousado
Do Oriente o novo fado,
Dizei de que alto assombro vos cubristes;
Com que horror florear vistes ligeiras
Do novo imperio as Quinas agoureiras!

ESTROFE 4.

Alli naõ rouba, em mil siladas pronto,
A preciosa pelle,
Que trajou sobre as ondas do Hellesponto
O rico animal de Helle:
Mas do Gate arrostando a altiva fronte,
De traçar a immortal estrada ufano,
Ao braço Lusitano
De immensa gloria abriu perenne fonte.

ANTISTROFE 4.

Se queres pelas ondas inquietas
Seguir o graõ guerreiro,
Novas pede, minha alma, agudas settas,
De Pàtara ao frecheiro:
Canta entaõ como a barbara Quilôa
Faz tributaria às invenciveis Quinas;
Como o mar de ruinas
Semêa, e em Calecut horrendo trôa.

## EPODO 4.

Como da furia do valente braço
Neptuno procelloso
Todo tremeu medroso . . . .
Mas se de Cyrrha o vento sopra escasso,
Das sublimes acções no mar profundo
Enverga as soltas vélas, e dà fundo.

## ODE II.

### A HENRIQUE DE MACEDO, FAMOSO CAPITÃO NA INDIA.

ESTROFE 1.

Varão que, de immortal esforço armado,
Por entre mil perigos,
Corre a affrontar da patria os inimigos,
Por deixar-lhe o graõ nome eternisado,
Merece bem que a patria lhe levante,
Em fino jaspe ou bronze, alta memoria;
Ou que peito a que inspira amor da gloria,
Por premio a seu valor, seu nome cante.

ANTISTROFE 1.

Talvez horrida inveja, armada de ira,
Minhas vozes condẽne,
E veja com desprezo em Hippocrene
Trabalhar nesta empresa a minha lyra.
Mas embora dardeje o monstro horrendo
A lingua que a virtude naõ recêa;
Que em torno desta mèta, e nesta arêa,
Os meus Ethontes voaraõ correndo.

EPODO 1.

Guiemos pois, oh Clio,
Dos almos hymnos o esquadraõ brilhante
Da aurora scintillante
Ao rico senhorio.
Alli nas praias da famosa Dio
Com argivo cinsel padraõ lavremos,
Onde gravado fique
Eterno o nome do brioso Henrique.

ESTROFE 2.

Ellas, ao ver alçar-se a gran memoria,
Cobraraõ novo alento,
Do grande heroe trazendo ao pensamento
A que em seu mar colheu alta victoria.
A maõ dos feros annos tenebrosa
Quasi apagava a scintillante flãma;
Mas minha lyra, que os guerreiros ama,
A farà mais que os astros luminosa.

ANTISTROFE 2.

Qual tigre que, cevada a brutal ira
Em gados e pastores,
Da escondida floresta entre os horrores
A de scançar soberbo se retira,
Tal de estragos jà farto o heroico braço,
Avassallando o mar do rubro seio,

Volvia o grande heroe, de gloria cheio,
A repousar de Gôa no regaço.

### EPODO 2.

Quando no campo undoso
De cem feras galés se vê cercado:
Mas o peito esforçado
No trance perigoso
Com mais valor se eleva generoso:
Qual idumêa palma que entre as nuvens,
Se immenso peso a opprime,
Levanta a verde fronte mais sublime.

### ESTROFE 3.

Que espectaculo horrendo e lastimoso,
Foi ver subitamente,
Ao crebro fusilar do bronze ardente,
Tremer o ar, bramando pavoroso!
Em borbotões de espuma levantar-se
Dos ferreos esporões o mar ferido!
Das armas e da gente entre o ruido
Com as asas da morte o ceo toldar-se!

### ANTISTROFE 3.

Acroceraunéo monte, cujo cume,
Em noite tenebrosa,
De Jove abrasa a dextra procellosa,
Rôxa vibrando o coruscante lume,

Parecia nas liquidas campinas
O galeaõ soberbo e destemido,
Por cem partes de cem canhões batido,
E coberto de fogo e de ruinas.

EPODO 3.

Mas que objecto de gloria
Era entre tanto horror o varaõ forte,
Forçando a irada sorte
A ceder-lhe a victoria!
Oh castas nymphas, filhas da memoria,
Vos do Pindo me dae um raio ardente,
Com que dissipar possa
Da incanescida idade a nevoa grossa.

ESTROFE 4.

Austro que as ondas corre procelloso,
E sacudindo as pennas,
O solto pano, os mastros e as antennas,
Leva nas asas, e desfaz furioso,
Era ver do Halixá na immensa armada,
Que os campos de Nereo cobre orgulhosa.
Estragos derramando pavorosa
Do bravo Henrique a devorante espada.

ANTISTROFE 4.

Entaõ Thetis ao ver o varaõ forte,
Qual na soberba prôa

Sobre as soltas galés fusila e trôa,
O terror derramando, o espanto e a morte,
De amarga enchente de piedoso pranto
Innunda suspirando o rosto aflicto,
Que à memoria lhe traz o heroe invicto,
O gentil filho, horror do phrygio Xantho.

EPODO 4.

Cithara, que fazemos?
Ou das grandes acções no mar profundo
Demos seguro fundo,
Ou empunhando os remos,
O scintillante pélago sulquemos.
Que pensas? inda estàs irresoluta?
Recêas engolfar-te?
De teu valor duvidas e tua arte?

ESTROFE 5.

Inda que o golfaõ seja dilatado,
Que naõ vence a ousadia!
O leme a Cananor ufana guia,
E de estragos veràs o mar coalhado.
Entra de Baçaim no illustre rio,
E de Henrique seguindo o estendarte,
Olha como o tremendo baluarte
Arrosta sem temor na fera Dio.

ANTISTROFE 5.

Mas naõ; os remos larga, as velas colhe,
Deixa o campo infinito;
E pois jà celebraste o graõ conflicto,
Ao porto do silencio te recolhe.
Por mais que o graõ Parà derrame ufano
Da caudal urna a copiosa enchente,
Naõ se assombra de ver sua corrente
Quem os reinos tem visto do Oceano.

EPODO 5.

Com sereno semblante
Recebe, oh Lusitania, este meu hymno;
Premio immortal e dino
Da palma scintillante,
Com que a frente te ornou o heroe prestante:
Em teu seio batendo as aureas plumas,
Voarà à eternidade,
Da virtude incentivo a toda a idade.

# ODE III.

## A ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA, GOVERNADOR NA INDIA.

ESTROFE 1.

Eu naõ possuo barbaras riquezas
Para adular vaidoso
Em arcos triunfaes varão famoso;
Mas inclytas emprezas
Faço brilhar no resplendor dos hymnos,
E à patria elevo dos sonoros ventos,
Em meus versos divinos,
Mais que o bronze perennes monumentos.

ANTISTROFE 1.

Sancta verdade, a clara luz seguindo
De tua tocha ardente,
Ao mundo novo heroe farei patente:
Do Lethes conduzindo
Furtado à voz da fama irei famoso.
Roma d'entre seus louros verà, chêa
De assombro respeitoso,
Que taõbem Scipiões conta Ulyssêa.

### EPODO 1.

De meus versos à rapida carreira
Abrem campo infinito,
Quantos do grande heroe o braço invicto
Colheu triunfos na sasão guerreira.

### ESTROFE 2.

Diràs talvez, calumnia detestavel,
Que em Dirce emplumo ufano
As aureas settas de um brilhante engano.
Mas quem a formidavel
Armada debellou dos Malabares?
Quem, de Neptuno os campos infestando,
Tornou roxos os mares,
De estragos a cruel morte fartando?

### ANTISTROFE 2.

Quem a colũna foi firme e possante,
Que na aurea Chersoneso
De Belgas e de Achens sosteve o peso?
Quem, o gremio brilhante
Da Aurora penetrando, Amboinos, Itos,
Com pé tempestuoso prostra e abate,
Entre os festivos gritos
Que fria escuta a perfida Ternate?

### EPODO 2.

Quem de Sonda desterra a astuta Hollanda?
Quem Cunhale arrogante
Raio fere improviso, e triunfante
Entre duros grilhões a Goa manda?

### ESTROFE 3.

Immensa torre de feroz soberba
O barbaro se alçava,
E a Neptuno o tridente demandava.
Em vão em raiva acerba
Accesa brama a vencedora Gôa;
Em vão de seu regaço a castigallo
Veloz o Gama vôa,
Que de novos despojos vai ornallo.

### ANTISTROFE 3.

No campo semiado de ruinas,
Ao lado da victoria,
Piza o tyrãno a Lusitana gloria.
As tremulantes Quinas,
Cheas de pejo, quasi receàvaõ
Seguir a grande estrada, por onde antes
Ufanas campeàvaõ,
Thronos pizando, sceptros rutilantes.

EPODO 3.

Mas, solto turbilhão de brava guerra,
Jà corre o grão Furtado,
E de cem marciaes genios cercado,
Do regulo 'num ponto o fausto aterra.

ESTROFE 4.

Nuvem cerrada do feroz Mavorte,
Cahe à tremenda espada
Em chuveiros de sangue desatada.
A toda a parte a morte
Atropellando, o segue furiosa,
Com os negros cavallos quanto via:
A fouce pavorosa
Na carnagem fartava a séde impìa.

ANTISTROFE 4.

Marte, que banha os torvos corredores
De sangue em triste lago,
Marte se horrorisou de tanto estrago.
Oh manes vencedores,
Que alli à patria destes novo lustre,
Eu por vós juro aos seculos vindouros,
Que do guerreiro illustre
Com falsas cores naõ esmalto os louros.

EPODO 4.

Mas nova palma a seu valor prepara
Gôa no illustre seio,
Quando da ingratidão o monstro feio
A pompa triunfal lhe nega avara.

ESTROFE 5.

Fulminar procelloso altas muralhas,
Que feroces se alçàvaõ,
E a grande ira dos évos insultàvão;
Vencer crueis batalhas,
De peito naõ vulgar gloria he prestante:
Mas da inveja domar a furia e sanha,
Com inteiro semblante,
He (Camillo o dirà) maior façanha.

ANTISTROFE 5.

Pôde o mancebo Marcio em campo armado,
Das garras da ruina,
Salvar a gloria da nação Latina:
Pôde, feroz e ousado,
Roubar da fronte a palma ao inimigo;
E a Coriolos levando a morte e o dãno,
Pôde, com seu castigo,
O graõ nome ganhar de Coriolano.

EPODO 5.

Mas quando, à sombra da recente palma,
O povo conjurado
Ingrato lhe negou o consulado,
A constancia cedeu da feroz alma.

ESTROFE 6.

Foge da ingrata terra, e com injuria
Da gran prole Quirina,
Forjando à patria vai fatal ruina.
Roma da sua furia
Ao aspecto cruel toda se abala,
Que impaciente ja sahe do seu desterro,
E traz para abrasalla
Na vingativa mão o fogo e o ferro.

ANTISTROFE 6.

'Noutro mar, em amor da patria accezo,
Se engolfa o graõ Furtado,
Do vulgo dos heroes nunca sulcado.
De um heroico desprezo
A torpe inveja com as armas rende;
Pois vê que do triunfo a gloria bella,
Que insana lhe defende,
Mais que em logralla està em merecella.

## EPODO 6.

Famoso heroe, em vão a inveja cega
Em teu damno conspira;
Se o triunfo te nega, a minha lyra
Hoje immortal aos seculos te entrega.

# ODE IV.

## A ANTONIO CORREA BAHAREM.

### ESTROFE 1.

Deixa, Clio gentil, o verde assento
Do Thessalico monte;
E sobre o horror do Lethes somnolento,
Lavremos a Corrêa eterna ponte,
Por onde coroado
De triunfantes louros,
Pizando o tempo irado,
Passe seu nome aos seculos vindouros;
Que talvez por empresas menos bellas
Brilhe de Leda a prole entre as estrellas.

### ANTISTROFE 1.

Quem da Castallia às placidas correntes
Abriu agro mais pingue?
Na Asia a luz de seus feitos refulgentes
Com o sopro dos annos naõ se extingue.
Inda Bintaõ, tremendo,
Revolve na lembrança
O triste espectro horrendo
De quanta jà soffreu crua vingança,

Quando là em Muar o heroe famoso
Sobre si vio cahir, monte espantoso.

EPODO 1.

Qual nuvem carregada,
Que nos hombros de Boreas formidavel,
Que ruge por cem boccas implacavel,
Do ceo correndo as liquidas campinas,
Deixa a terra inundada
Em barbaras ruinas,
Tal entra o grande Antonio o forte Pago,
A seu lado levando o fero estrago.

ESTROFE 2.

Entre chuva de settas e pelouros,
Que abaffa os horisontes,
Malaca adorna alli de immortaes louros,
De ruinas erguendo horrendos montes.
Alli fera tormenta
De Marte sanguinoso
Mostrou o quanto o alenta
Illustre sangue do varaõ famoso,
Que primeiro arvorou no luso estado
Do novo principe o guiaõ sagrado.

ANTISTROFE 2.

Quanto, velho feroz, do cruel fado
Ministro desabrido,

Do Luso tens triunfo sublimado
Dos annos no regaço submergido!
Mas do varaõ famoso,
A pezar da tua ira,
O braço valoroso
Immenso resplendor inda respira,
Derribando a seus pés immensas vezes
Torpes Mouros e feros Leonezes.

EPODO 2.

Mas onde o vôo estendes
Batendo, gentil Musa, as asas de ouro?
Talvez, de antigas glorias o thesouro
Abrindo liberal, de seus maiores
Ornar o heroe pertendes
C'os bellos resplendores?
Olha pois que o laurel das grandes almas
Jà mais se tece das avitas palmas.

ESTROFE 3.

Se em teu celeste espirito arde tanto
Nobre desejo honroso
De seu nome illustrar, ao nosso canto
Naõ abre Martavaõ campo famoso?
A furia de seu braço
Naõ vio Chaul medrosa?

Da Arabia no regaço
Seu ferro naõ provou Baarem vaidosa?
Naõ brilha em seu escudo, por memoria,
O grande resplendor de alta victoria?

ANTISTROFE 3.

Rompendo o freio do jurado imperio
Mochrim feroz se alçava,
E à rica Ormuz, do Luso em vituperio,
No peito o duro jugo jà forjava.
De seu fero ardimento
As asas implumavaõ,
Audaces cento e cento,
Turcos e Persas, que a seu lado andavaõ
Promettendo entre as sombras das ruinas
Em Gerum eclipsar as sacras Quinas.

EPODO 3.

Quando o varaõ famoso,
Em cujo coraçaõ só arde a chãma
De erguer novos padrões à sua fama,
As portas aboccou do grande seio,
Cobrindo impetuoso
Cem povos de receio,
Ao triste aspecto da fatal vingança
Do tyrãno desmaia a confiança.

ESTROFE 4.

Ferida a crua guerra horrendo sôa
O furibundo Marte:
Banhada em negro sangue a raiva vôa,
Estragos respirando, a toda aparte:
Sôbola voraz chãma
Que vibra sirio ardente
Menos feroz se inflãma
A quadriga de Phebo ignipotente,
Que entre as carrancas do cruel Mavorte
Se accende o peito do guerreiro forte.

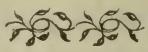
ANTISTROFE 4.

Illustre capitão, bravo soldado,
Jà manda, jà peleja:
Qual raio em duras mortes desatado,
Sobre os mouros o braço seu troveja.
O perfido tyrãno
Em vão à mortal ira
Oppôr-se intenta ufano,
Que seus golpes sentindo se retira:
Ferido larga o campo, e na fugida
C'o sceptro deixa a detestavel vida.

EPODO 4.

O grande monumento
Que a grata Ormuz te alçou, varaõ famoso,

O titulo que ao nome jà glorioso
Deraõ aqui teus feitos soberanos,
Destruir pode violento
O graõ furor dos annos;
Mas nas asas da candida verdade
Minha lyra te leva à eternidade.



# ODE V.

## A D. PAULO DE LIMA, CAPITÃO-MOR DAS ARMADAS DA INDIA.

### ESTROFE 1.

Aureas filhas de Jove, que o thesouro
Guardais da eternidade,
E da victoria marchetando o louro
De Aganippe c'o ouro,
A fronte coroais da heroicidade;
Eu vos entrego o portentoso Lima,
Que Marte tanto estima:
Elle de immensas palmas carregado,
He digno de ser sò por vos cantado.

### ANTISTROFE 1.

Vos, Musas, o sabeis; pois que valente
Do bravo Canatale
O vistes triunfar com pouca gente;
Que o coraçaõ ingente
Mais do que o numro nas batalhas vale.

Immensos Mouros, Naires adargados,
Vão a seus pès prostrados.
Em Goa entrando ao lado da victoria,
Que seu sangue esmaltou de eterna gloria.

EPODO 1.

Mas de nova victoria jà se estende
Pelo ar sublime fama,
E tanta luz derrama,
Que a Pirrho a gloria escurecer pertende.
Em vão de aguias, oh Jor, e de camêllos
Povôas teus cubêllos;
Em vão de entorno à tua alta esperança
Vèlaõ barbaros Jàos, barbaros Crizes;
Pois jà contra teus muros infelizes,
Rompendo as ondas, Paulo se abalança.

ESTROFE 2.

Sòlta a còma infeliz torvo cometa,
E em ti os olhos fitta;
Jà sôa irada a bellica trombeta;
Jà todo o ar infecta
Do sulfureo vapor sombra infinita:
Com tremendo fragor cem basiliscos
Fulminaõ mil coriscos;
E gemendo Neptuno em fogo acceso,
Das ruinas se accurva ao grande peso.

ANTISTROFE 2.

Entre tanto furor, a mão afferra
Da tremula cidade,
Paulo, alumno feroz da brava guerra.
Dos seus, quantos aterra,
Contrarios a feroz immensidade?
Euro, talando as humidas campinas,
Naõ faz tantas ruinas;
Nem taõ fero, de Hyrcania entre os horrores,
Tigre ataçalha gados e pastores.

EPODO 2.

Pelas Dardanias praias campeavaõ,
De seu numero ufanos,
Ousados os Troyanos,
Que um chuveiro de settas derramavaõ:
De um gelado suor a Argiva gente
Banha a palida frente:
Mas apenas Achilles apparece,
Dos Gregos foge o vergonhoso espanto,
O soberbo Ilion todo estremece,
E as ondas volve atraz tremendo o Xantho.

ESTROFE 3.

Procella horrenda do cruel Mavorte
Pelos Teucros corria:

E, oh quantos, soppesando a lança forte,
Heroes entrega à morte,
Que a seu lado frenetica bramia !
Troilo, Heitor, Memnon, Penthesilêa
Prostra na branca arêa,
Fazendo que em seu damno o Phrygio prove
Que he ramo excelso do tonante Jove.

ANTISTROFE 3.

Tu, Paulo, a fera espada floreando,
Um novo Achilles fôste,
Quando, Jor implacavel escalando,
Mil mortes fulminando,
Do Rajale cruel rompeste a hoste :
Alli aos astros tua fama alçaste,
E ao mundo alli mostraste
Que naõ te deu em vão aureo destino
O grande nome do valor Latino.

EPODO 3.

Do moço Gama se alegrou a sombra
Ao ver do acre inimigo
Quanto o feroz castigo
Misera terra com seu vulto assombra.
Entaõ se aplaca quando o fero estrago
Lhe pinta em Jor Carthago.

Malaca em tanto, da Romana gloria
Com seus guerreiros emula preclara,
Ao grande resplendor da alta victoria,
O pomposo triunfo lhe prepara.

ESTROFE 4.

Voltemos, Musa, a fulgurante prôa
A Dabul desolada,
Onde jà vencedor seu nome vôa,
E taõ terrivel sôa
Que a Asia o ouve de temor cortada.
E que incendios, que mortes, que ruinas
Cobrem suas campinas !
Mas qual barbara terra no regaço
Esconde a Aurora incognita a seu braço !

ANTISTROFE 4.

Collè e Sarseta o vio desfeito em ira
Talar suas campanhas :
Aqui o Malabar em vão suspira ;
Là Mangalor exspira
Abrasadas as míseras entranhas :
Duas vezes Ceilaõ, Cananor duas,
Provaõ as armas suas :
Mas naõ he minha lyra Argos possante
O profundo a sulcar golfaõ brilhante.

## EPODO 4.

Difficil, intractavel, mas gloriosa,
He da virtude a estrada:
Nem jà mais foi trilhada
Da inercia, sò de vicios mãi copiosa:
Mas se nella os contrastes saõ maiores,
Mais saõ seus resplendores.
Paulo o mostra, valentes Lusitanos:
Vos, que entrar desejais no eterno templo,
Trôe embora a fortuna e chova damnos,
Sem espanto segui o grande exemplo.

# ODE VI.

## A JOAÕ FERNANDES VIEIRA, RESTAURADOR DE PERNAMBUCO.

### ESTROFE 1.

Oh filha do Oceano,
Do undoso campo flor, gentil Madeira,
Dos meus brilhantes genios a carreira
Hoje seguindo ufano,
Em teu seio frondente
Do Pindo accenderei a tocha ardente,
E de Vieira illuminando a historia,
O mundo cobrirei de sua gloria.

### ANTISTROFE 1.

Vibrando resplendores
A torre de seus feitos portentosos,
Cem portas, por onde entrem gloriosos,
Me offrece a seus louvores;
Ou quando à liberdade
D'aureos bens sacrifica a immensidade,
Ou quando armado de lustrosa malha
Em Batavia o terror e o pranto espalha.

EPODO 1.

Em vão comtigo competir intenta
Soberba a antiga Egina,
Bem que ser mãi ostenta
De prole no valor quasi divina:
Ella em seu seio vio brotar vaidosa
Do grande Eàco a estirpe generosa,
De quem fructo admiravel
Foi de Peleo o filho inexoravel.

ESTROFE 2.

Foi Ajax Telamonio,
Que, de Thracia correndo a fulva arêa,
Horrendas mortes e terror semêa
No exercito Bistonio:
Foi Telamon acerbo
Primeiro açoite de Ilion soberbo;
E outros grandes varões, cuja lembrança
Triunfante no Parnaso hoje descança.

ANTISTROFE 2.

Mas naõ; o graõ Vieira,
Que, seguido da prospera victoria,
Subiu ao throno da immortal memoria,
E na marcial carreira

Tanto esplendor derrama
Que do Eàcide escurece a fama,
Em seu rico thesouro o tinha o Fado
Para esmaltar teu nome destinado.

EPODO 2.

Rotto em cem partes o sumptuoso manto,
Que prospera trajava,
Triste chuva de pranto
De Olinda as bellas faces inundava;
E sobre ella lançando o tempo irado
Dos ferreos annos o esquadraõ armado,
Lhe dava em larga taça
A gostar toda a furia da desgraça.

ESTROFE 3.

De sangue e de riqueza
Em sede ardendo o Belga, e de ira cheio,
Lhe rasga sem piedade o gentil seio.
Guiada da fereza
A perfidia insolente,
Consultando no horror da fallaz mente,
Jà prostrado a seus pés o Brazil via,
E as mãos com cem cadêas lhe prendia.

ANTISTROFE 3.

Mas em vão larga ao vento
Soberbo imperio as asas da esperança.

Se a seu throno benefica naõ lança
Astrea o fundamento.
Esparta o mostra quando,
De Trasibulo os crueis golpes provando,
O sceptro vio quebrar, que a tyrãnia
Em Athenas com ferrea mão regìa.

EPODO 3.

America feliz, maior exemplo
Alçar-se ao ceo sublime
Em ti hoje contemplo,
Quando Hollanda feroz Vieira opprime,
Em seu braço e conselho sò fiado.
Ella brilhar o vio em campo armado,
Qual, pallida e inquieta,
Vê a terra brilhar torvo cometa.

ESTROFE 4.

O estrago lastimoso
D'aurea sorte, de prospera riqueza,
Naõ move, naõ suspende na alta empreza
O campeaõ famoso;
Naõ immensos soldados
De arrogantes victorias coroados;
Que uma alma grande, a quem a gloria anìma,
Captiva a patria, a vida naõ estima.

ANTISTROFE 4.

Jà de grande ira armado,
Em campo vibra o braço procelloso ;
Jà o Batavo Leaõ, que ruge iroso,
Tem a seus pès prostrado.
Tu, nas viçosas margens,
De sangue fusilar entre as voragens
Viste, Tapacurà, immensa morte
Da fina espada ao fulgurante corte.

EPODO 4.

Pelas douradas messes voraz chãma
Taõ rapida naõ corre
Como, assombrando a fama,
De victoria em victoria o heroe discorre.
Em cem partes cahir tremendo raio
O vê Hollanda com mortal desmaio,
E à vista da ruina,
A soberba cerviz ao jugo inclina.

ESTROFE 5.

Mas ceos ! sempre violento
Monstro da inveja, as asas desatando
Com horrendo zunido, anda cercando
O graõ merecimento !

E de hum zelo brilhante
Talvez cobrindo o esqualido semblante,
C'o baffo venenoso que derrama
Da virtude virente cresta a rama!

ANTISTROFE 5.

Qual Euro, campeando
De Nereo pelas liquidas campanhas,
Corre Anibal, as miseras entranhas
De Italia lacerando.
A enorme catadura
Em toda a parte mostra a guerra dura,
E batendo raivosa a ferrea planta,
Piza de cem cidades a garganta.

EPODO 5.

Ao triste aspecto das fataes ruinas
As asas encolhéraõ
As reaes aguias Latinas,
E no Tarpêo velozes se escondéraõ.
Roma, arrastando luctuoso manto,
Sobre si conduzindo a morte e o pranto,
Jà via o feroz Peno,
Via-o Trebia, Ticino e Trasimeno.

ESTROFE 6.

Quando o famoso Fabio,
Deidade tutelar da patria terra,

As redeas toma da funesta guerra,
Valente a um tempo e sabio.
Jà em campanha posto,
Do cruel Africano rosto a rosto,
Astuto doma a perigosa idêa,
E as indomitas furias lhe soppêa.

ANTISTROFE 6.

O povo de Quirino,
Que vê d'entre as ruinas levantar-se,
E ao primeiro esplendor ufano alçar-se
O graõ valor Latino;
Com errada sentença,
Em vez de honrar de Maximo a detença,
Com Minucio inexperto o sceptro parte
Que o grande heroe regìa em fausto Marte.

EPODO 6.

Mas, oh raro prodigio de virtude!
Com inteiro semblante
Soffre do povo rude
A grande affronta o Dictador constante:
A' dura lei se humilha generoso:
E immolando, cem vezes glorioso,
A' patria a grande injuria,
Das mãos a salva da Africana furia.

ESTROFE 7.

Talvez vulgo profano
Clamarà, com estranho desvario,
Que o baixel alteroso errado guio
Pelo immenso Oceano.
Mas o sabio, que entende
Das Musas os mysterios, bem comprende
Que, se longe me lança o vento forte,
De meu rumo naõ perco o fixo norte.

ANTISTROFE 7.

Depois de cem victorias,
Que ao magnanimo heroe Bellona entrega,
Outro Minucio a eclipsar-lhe chega
As scintillantes glorias:
Mas com igual alento,
Outro Fabio, mostrou o soffrimento;
Outro Fabio brilhou, domando ufano
A cega inveja, o Batavo tyrãno.

EPODO 7.

Vos, montes Gararapes, entre a negra
Nuvem de Marte horrendo,
Qual Jupiter em Phlegra,
O Belga o viste fulminar tremendo:
Atè que vendo a fulgurante espada
Para o ultimo golpe levantada,

Assim, tarde prudente,
Sigismundo fallou à sua gente:

ESTROFE 8.

Valorosos soldados,
No regaço creados da victoria,
Se de Hollanda murchar querem a gloria
Hoje os funestos Fados,
Ceda-se à sua furia:
Naõ dobremos no estrago a nossa injuria;
Que he desesperaçaõ, naõ ardimento,
O querer contrastar o Firmamento.

ANTISTROFE 3.

Deixemos esta terra,
Com nosso sangue illustre, à forte gente,
Que traz no graõ Vieira à sua frente
Uma furia da guerra:
De seu genio animado,
Que naõ emprenderà o Luso ousado?
Elle primeiro, arando os largos mares,
Em Africa plantou os patrios Lares.

EPODO 8.

Elle, de Adamastor em menos cabo,
Que a seus passos raivoso
Se oppôs, dobrou o cabo,
De procellas crueis campo espantoso:

Elle, a pezar dos ventos importunos,
A grande estrada abriu dos dois Neptunos;
Elle da Iberia o jugo
Sacodiu, e he de Hollanda hoje o verdugo.

# ODE VII.

## A HEITOR DA SILVEIRA.

### ESTROFE 1.

NUME brilhante que no Pindo impèras,
A septisona lyra,
Com que abrandavas das rapaces feras
A sanguinolenta ira,
Quando pastor guardavas desvelado
Do Thessalico rei o manso gado,

### ANTISTROFE 1.

Que hoje me emprestes naõ em vão pertendo,
Pois na immortal memoria
Com Thebano buril lavrar entendo
Do Luso Heitor a gloria;
Heroe por quem o Tejo corre ufano,
Mais do que Simois pelo Heitor Troyano.

### EPODO 1.

Eu com ella domar a furia intento
Da venenosa inveja,
Monstro inda mais violento
Que os que tu pelas selvas amansavas,
Quando nos priscos tempos a tocavas.

ESTROFE 2.

Elysia que sò ouve em seu Permèso
O brando som de amores,
Como ouvirà das guerras sem desprezo
As mortes, os horrores,
Se naõ vir, quando a doce voz levanto,
Que he tua a lyra que acompanha o canto!

ANTISTROFE 2.

Ante os muros de Pergamo guerreira
Heitor se appresentava:
Treme o crespo cocàr sobre a vizeira,
Que os ventos açoitava:
Chammas fusilaõ o pavez dourado,
A mortal lança, a espada, o arnez lavrado.

EPODO 2.

Tal, a lança enristrando coruscante,
Cahe sobre o campo Argivo
O braço fulminante:
Chuvas de sangue pela terra espalha,
E o campo de crueis mortes coalha.

ESTROFE 3.

A lavar em seu sangue a atroz injuria,
Da vingança nas pennas,
Em vão corre bramando a horrivel furia

De Esparta, e de Mycenas;
Que a seu pezar o heroe na gran derrota
Cobre de fogo e sangue a Grega frota.

ANTISTROFE 3.

Patroclo, das ruinas condoido,
Veste a grave armadura,
Que de Thetis ao filho destemido,
Na officina escura,
De Vulcano lavrou o adusto braço,
De ouro imbutindo o impenetravel aço.

EPODO 3.

Entaõ de seus destinos arrastado,
A dar alento à Grecia,
Ao campo ensanguentado
Corre Patroclo, mas debalde corre,
Que às mãos do Teucro sem piedade morre.

ESTROFE 4.

Por largo tempo assim Heitor sustenta
De Troya os fataes muros,
Mas à força por fim cedeu violenta
Dos fados seus escuros;
Que apezar da Acidalia, que o defende,
A' Thessalica lança a vida rende.

ANTISTROFE 4.

E qual a seu valor brilhante crôa
Naõ teceu harmonioso
De Meonia o Cysne, que em Libethro vôa
Immortal e glorioso?
Elle em Pindo lhe alçou aurea columna,
Que os annos avassalla e a fortuna.

EPODO 4.

E nòs qual lavraremos à memoria
Do nosso Heitor, oh lyra,
Trofeo de honra e de gloria,
Se de Marte no horror seu braço irado
De victoria sahiu sempre croado?

ESTROFE 5.

Qual rio, que fervendo o campo alaga;
Qual turbilhaõ furioso,
Que inteiros bosques revolvendo estraga,
Que o mar turba raivoso;
Ou leaõ, que entre os gados innocentes
Sangue faz gotejar de unhas e dentes:

ANTISTROFE 5.

Tal de Fartaque o vio na invicta prôa
A salôbre campina:
Tal o Dalaca; tal sobre Achem vôa

E Dofar arruina:
Tal desce, oh Malabar, à tua praia;
Tal corre os campos da infeliz Cambaia.

EPODO 5.

Tal, vibrando os crueis raios de Marte,
De Dio sobre a armada
O lugubre estendarte
Da morte hastêa, e tinge o braço ufano
De negro sangue o rosto do Oceano.

ESTROFE 6.

A tanto estrago Baçaim, cercada
Em vão de immensa gente,
Jà treme ao divisar que a fera espada
Do campeaõ ardente
Os Mouros rompe, o baluarte arrasa,
E em vivo fogo vencedor a abrasa.

ANTISTROFE 6.

Oh como abala, oh como pela terra
De Beth os muros lança!
Mas, oh lyra, as soberbas asas cerra,
Que se altèra a bonança:
Sinto mugir o mar, crescer furioso
Com o sopro da inveja venenoso.

EPODO 6.

Dirà talvez o monstro cheio de ira,
Que he diffuso o teu canto:
Mas tu lhe torna, oh lyra,
Que naõ cabe da concha no regaço
O mar que rolla por immenso espaço.

# ODE VIII.

## A NUNO ALVARES BOTELHO, CAPITÃO-MOR DO MAR DE MALACA.

### ESTROFE 1.

Eu, graças ao favor das aureas Musas,
Do Mènalo sagrado
Entre as selvas confusas
Naõ sou rude pastor de pobre gado;
Mas toco a grande lyra,
Que Pindaro tocou com plectro d'ouro;
E do virente louro,
Que em grandes corações valor inspira,
Orno os heroes que a patria eternisàraõ,
E por ella seu sangue derramàraõ.

### ANTISTROFE 1.

Tu, oh grande Botelho, que largando
Ao bravo genio as velas,
Foste impavido arando
Um portentoso golfaõ de acções bellas,
Recebe de meus hymnos
O, que à virtude sò rendem, tributo.

Elles brilhantes fruto
Saõ de Argivo suor, saõ de heroes dinnos;
Nem jà mais os verà, com torpe culto,
Grandeza esteril incensar-lhe o vulto.

EPODO 1.

De brilhantes triunfos esmaltada
A fama me apresenta
Toda da Aurora a plaga dilatada.
Aqui fugir astuto o Belga intenta
A' ultima derrota.
Tu, Gomoraõ, de espanto o viste cheio
Com a vencida frota
Duas vezes em vão buscar teu seio.

ESTROFE 2.

Alli vencendo o mar, a fome e a sede,
O fero Inglez combate,
Que o campo jà lhe cede,
E à vergonhosa fuga ás redeas bate.
Là cheio d' alta fama,
D' aurea estrella seguindo a luz benina,
Que a nova crôa o chama,
De Mecca os galeões feroz fulmina;
Que em toda a parte as Quinas floreando
Vai o grande varaõ palmas segando.

ANTISTROFE 2.

Entre todas a fronte aos ceos eleva
Do Achem a alta victoria,
Que esconde em densa treva
Dos Gregos e Romanos a memoria.
De mortes e ruinas
Cercado Lacsemene, do Oceano
Piza as crespas campinas,
Sem olhar quanto o segue immenso dãno.
Jà da rica Malaca o porto afferra,
Cobrindo o mar de naus, de homens a terra.

EPODO 2.

De Citherêa em tanto a fausta estrella
Do mar a furia amansa,
E desfere Botelho a grande vèla
Jà nas terriveis asas da vingança.
Jà chega o heroe prestante,
E, raio que das nuvens se desprende,
Quanto encontra diante
Assola, despedaça, abrasa e rende.

ESTROFE 3.

Sombra illustre de Thebas, que inda errando
Em torno ao patrio assento,
O caso miserando
De Epaminondas tens no pensamento,

Quando pallida e triste,
Da victoria execrando a infausta rama,
Em Mantinêa o viste
Pela vida comprar immensa fama;
Enxuga o pranto teu, que igual destino
A' grande Elysia traça astro malino.

ANTISTROFE 3.

Ardia n'alma ao campeaõ famoso
Sempre o feroz dezejo
De vencer, e glorioso
Novas palmas mandar ao patrio Tejo.
Aos votos seus a sorte
Propicia olhou; que o Batavo insolente
Correr à fêa morte
Sobre seus pinhos implacavel sente.
Mas Java, oh ceos! o vê cheio de gloria
Espirar entre os braços da victoria.

EPODO 3.

Ao duro aspecto do funesto dãno,
Com as formosas filhas,
Tremeu, mugio tres vezes o Oceano.
Oh se inda de Malàca às Lusas quilhas
A estrada occulta fôra!
Elysia tanto estrago naõ sentira;
Nem Gôa vencedora
De seus heroes a flor cortada vira.

ESTROFE 4.

Oh se menos veloz corresse às iras
O carrancudo fado!
Tu Lusitania viras
O Oriente a teus pès todo prostrado.
Corréraõ inda agora,
Em vão cercados d' horridas falanges,
Ao largo mar da Aurora,
Tuas leis adorando, o Indo e o Ganges:
Nem estranhos baixeis assoberbàraõ
O cabo que primeiro os teus dobràraõ.

ANTISTROFE 4.

Mas, oh filha de Marte, enxuga o pranto
Que dàs à sua morte,
Inda chea de espanto,
Que o morrer pela patria he feliz sorte.
Assim Codro famoso,
Assim do Norte o Leaõ, Gustavo invicto,
No templo magestoso,
Deixaõ, da fama, o grande nome escrito:
Assim a forte Grega vio serena
Mortos os filhos sem horror, sem pena.

EPODO 4.

Em vão, monstro feroz, em vão terçando
A fouce tragadora,

Te estàs a grandes iras ensaiando,
Que a cithara que affino, alta e sonora,
De Nuno he forte escudo ;
E o pano desfraldando a amigo vento,
Com elle passo o mudo
Rio fatal do negro esquecimento.

# ODE IX.

## A ANTONIO DE SALDANHA, GENERAL DA ARMADA DE TUNES.

### ESTROFE 1.

Estas virentes peregrinas flores,
Que em Dirce colho ufano,
Jà mais em minhas mãos com finas cores
O monstro ornaraõ do horroroso engano.
Em vão na avita gloria
Alma illustre estribada
Entrar pertende, ousada,
No rico alcaçar da immortal memoria.
A virtude, que guarda o sancto templo,
A entrada sò reserva
A quem, c'o alto exemplo
Da sublime Minerva,
Ou de Mavorte n'horrida campanha,
De esplendente suor as faces banha.

### ANTISTROFE 1.

Assim, o sceptro e manto real trocado
Em duro estoque e malhas,
Entre o horrendo furor de cem batalhas
Corre o famoso Carlos denodado:

Assim confusa a Thracia,
Depois do graõ conflicto,
Vio o Sarmata invicto
Os campos devastar da antiga Dacia:
Assim de França o triunfante genio
Em Hochstet animoso
Prostrou o grande Eugenio:
Assim Daun famoso,
Com seu sangue regando a Marcia arêa,
Da Prussia à feroz aguia o vôo enfrêa.

EPODO 1.

Mas a que novo estranho promontorio,
Oh Musa, hoje velejas?
Se sublimes acçoens cantar desejas,
Naõ he Lysia de heroes soberbo emporio?
Naõ tens o grande Nuno, o grande Sousa,
Cujas grandes victorias
Asia sem pranto recordar naõ ousa?
Naõ cobre de altas glorias
Ambas as Indias, ambas as Hespanhas,
Real sangue dos inclitos Saldanhas?

ESTROFE 2.

Por entre as trevas da remota idade
Brilhando se derrama

De seus heroes a magestosa fama,
A competir co' a mesma eternidade.
Qual no gelado Arcturo
Rompe Aquilaõ furioso;
Qual raio estrepitoso,
Que às nuvens despedaça o seio escuro,
Que abrasa os vagos ares, que enche a terra
De susto e de ruina;
Assim Bernardo em guerra . . . .
Mas oh lyra divina,
De longevas façanhas a memoria
A nova offusca scintillante gloria.

ANTISTROFE 2.

Sigamos pois c'o resplendor dos hymnos
Pelo Indico Oceano
Do grande Antonio o pavilhaõ ufano,
Entre os trofèos de eterno applauso dinos.
Cem lenhos abrasados
Na cerulea campina
Das cores da ruina
Tingem da Arabia os pàramos salgados.
De horror a um tempo cheia e de alta gloria,
Ouve Gôa triunfante
Tanta illustre victoria;
E Neptuno espumante
Em torno folga aos lenhos victoriosos
De reger os cavallos procellosos.

EPODO 2.

Mas jà de seus clarins ouve Cambaia
O som cruel tremendo;
Jà Tarapòr, Balsar e Guelme ardendo
Cobrem de espanto a consternada praia;
Nem Goga, que a cabeça ergue vaidosa
Entre todas, resiste
Do grande heroe à furia pavorosa;
Tu suspirando o viste
Descer do bravo lenho a fulminar-te,
Qual Barborà o vio jà no horrendo Marte.

ESTROFE 3.

Nunca mais fulgurar, Indicos mares,
Vereis suas antenas,
Que dos Euros velozes sobre as pennas
Torna a alegrar triunfante os patrios lares.
O Tejo alvoroçado,
Sobre o carro espumante,
Busca o baixel possante,
Dos tributarios rios rodeado.
De alegria immortal celeste chãma,
Olhando o heroe famoso,
No peito se lhe inflãma;
Pois vê quantos, glorioso,
Trofèos lhe traz, e quanto no Oriente
Affamada deixou sua corrente.

ANTISTROFE 3.

Mas no seio brilhante da victoria
Naõ dorme o invicto braço,
Que do ocio vil no languido regaço
Das grandes almas se escurece a gloria.
Nas Africanas praias
Cruel sceptro se erguia,
Que as ondas opprimia
Com cem soberbas triunfadoras faias.
Carthago, alegre ao ver tanto despojo,
D'entre as cinzas se alçava
Com temerario arrojo,
E outro Anibal julgava
Ser vindo a castigar sua ruina
Na prole illustre da naçaõ Latina.

EPODO 3.

Em tanto as grandes velas desfraldando
Do galeaõ possante,
As ondas talha o campeaõ prestante,
O inhospito tridente avassallando.
Olhando a immensa mole Thetis cria
Que na planicie undosa
Novo colosso aos ceos audaz se erguia;
Ou que Delos famosa
D'alta prole, apezar do graõ Tonante,
Em seu reino outra vez vagava errante.

ESTROFE 4.

Em vão contra o furor da cruel guerra
Se arma o feroz corsario,
E seu porto ao magnanimo contrario
Com cem canhões e cem cadeias cerra,
Que o varaõ Lusitano,
Do freio impaciente,
Sobre ellas cahe valente,
Ao espantoso baixel largando o pano.
Ao duro choque da talhante prôa,
Estalando a cadêa,
O mar no fundo sôa.
Entaõ de espanto chêa
Tunes tremeu, tremeu de Africa a praia,
E de Thracia o feroz genio desmaia.

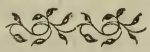
ANTISTROFE 4.

Qual tenebrosa nuvem que, cerrada
Cobrindo os horisontes,
O cume abrasa dos soberbos montes,
Em trovões e coriscos desatada;
Tal do baixel horrivel,
Acceso em ira brava,
As torres fulminava
Da vaidosa Goleta o heroe terrivel.
Jà em cem partes cahem desmantelados
Dos muros arrogantes

Os lanços abrasados:
Jà tremòlaõ triunfantes,
Sobre a confusa espalda das ruinas,
As Aguias Imperiaes e as Lusas Quinas.

EPODO 4.

Da patria oh sancto amor, que o som divino
Da musica Thebana
Prospero influes na lyra Lusitana,
Tu protege benigno este meu hymno.
Tu, oh Nume gentil, tu o dictaste:
Tu com tua belleza
Tanto a fèrvida mente me inflãmaste,
Que os deleites despreza,
Idolos vãos da inercia molle e rude,
E sò folga em cantar alta virtude.



# ODE X.

## A D. JOÃO DE CASTRO, VICE-REI DA INDIA.

### ESTROFE 1.

Quando o discurso humano
Se põe da natureza
A medir a fraqueza,
Pasma, esmorece, e perde a confiança:
Mas se do Eterno o braço soberano
Em seu desmaio a contemplar se avança,
Vê de em torno brotar alta esperança,
E, qual o Siaõ monte,
Seguro entre as procellas alça a fronte.

### ANTISTROFE 1.

De feroz turba ingente,
Horrendamente armada,
Thema infeliz cercada
Via o graõ Machabeo, e tambem via
A pouca de Judà e inerme gente:
Mas o forte varaõ, que em Deus confia,
Contra o Syrio feroz ousado a guia;
Fere a cruel batalha,
E qual pò o desfaz que o vento espalha.

EPODO 1.

Subito de ruinas se cobriaõ
Os campos dilatados;
Cavallos, cavalleiros jarretados
De sangue em largo rio
Morrendo com furor se revolviaõ:
E quaes no ardente estio
Em torno cahem de cegador nervoso
Aos centos as espigas,
As hastas inimigas
Ao lado cahem do capitão glorioso.

ESTROFE 2.

Em tanto triunfante
Exultando a Judêa,
Das palmas de Idumêa,
Quebrado o jugo, ao campeaõ tecia
Diadema mais que os astros scintillante;
Seu valor, sua fé, sua ousadia
De cem harpas ao som ao ceo subia:
Mas Judas da victoria
Ao Senhor das batalhas dava a gloria.

ANTISTROFE 2.

Oh de Israel afflicto
Firme columna e muro!
Se em meus hymnos procuro

Mostrar como, brandindo a mortal lança,
A' Syria jà terror foste infinito,
He sò pela formosa similhança
Que descobre entre ti hoje a lembrança,
E o triunfante Castro,
De immensa luz em Lysia immortal astro.

EPODO 2.

Rotto em cem partes o famoso muro
Que soberbo a cingia,
Qual viuva miserrima se via
A magestosa Dio:
Tinta de dò e envolta em manto escuro,
Cobrando novo brio
Em seu estrago o Mouro que a cercava,
Com cem canhões e minas
Lhe dobrava as ruinas,
E quasi o feroz collo lhe pizava.

ESTROFE 3.

Quando brandindo a lança,
Em seu favor ligeiro,
Corre o feroz guerreiro
De poucas tropas na galharda frente:
Jà de seu seio sahe, e tal se avança
Dos Mouros a ferir na hoste ingente,

Qual cercado leaõ na Libya ardente,
Que sacudindo a juba,
Por dardos rompe e o caçador derruba.

ANTISTROFE 3.

No terrivel conflito
Brandia o varaõ forte
A cada passo a morte,
Que quanto encontra despedaça e estraga.
E qual entaõ lançou medonho grito
O Mouro, que em seu sangue a terra alaga!
Sem côr o rosto pelo campo vaga,
E blasfemando morre
Aos pès de Castro, que triunfante corre.

EPODO 3.

Prosegue, lyra, e as asas veloz bate
De Salsetta à campina,
Onde o braço feroz prostra e fulmina
O barbaro ardimento
Em novo, sanguinoso, e atroz combate.
Quaes no salôbre argento
Os mares uns sobre outros se encapèllaõ,
Quando Euro procelloso
Roncando cahe furioso,
Taes os Mouros fugindo se atropèllaõ.

ESTROFE 4.

De immenso povo armada,
Eis de Baroche à praia
Desce feroz Cambaia;
Sangue estilando ante ella pavoroso,
Por cem canhões de bronze Marte brada;
Mas brada em vão, que o capitão famoso
Os lenhos deixa, e o braço portentoso,
Qual de Medusa a frente,
Immovel deixa a innumeravel gente.

ANTISTROFE 4.

Eu que de branca pluma,
Novo cysne do Tejo,
Cobrir todo me vejo,
As asas bato, vôo ao firmamento,
Sem temor de dar nome à salsa escuma,
Prendendo as asas do ligeiro vento,
Bem podia cantar em alto accento
Como o guerreiro invicto
A cinzas reduziu Dabul afflicto.

EPODO 4.

Como feroz Pondà cruel combate:
Como de Anthêo na terra
O genio ensaia para a dura guerra:

Como troando ardente
Por terra derrubou Patane e Pate:
Como no golfo ingente,
Estragos semeando a forte espada,
Enche o Hidalcaõ de espanto . . .
Porèm se he longo o canto
Nem sempre ao coro do Parnaso agrada.

# ODE XI.

A ANTONIO MONIZ BARRETTO, GRANDE CAPITÃO, GOVERNADOR, E VICE-REI NA INDIA.

ESTROFE 1.

Auricrinita Clio,
Guarda eterna da cithara celeste,
De nova pluma os alvos hombros veste,
E pelo senhorio
Do bramador Neptuno, às portas guia
Da soberana Gôa
Este meu hymno,
Que, qual cysne divino,
As asas bate e fulgurante vôa.

ANTISTROFE 1.

Eu sei que a gran cidade
Levantarà ao vé-lo o torvo rosto;
E à memoria trarà chea de gosto,
Chea de saudade,
Do famoso Moniz a lança ardente;

E o tempo venturoso
Em que seu braço,
Da Aurora no regaço,
Foi duro freio ao Indo revoltoso.

EPODO 1.

Ella bem sabe que, do heroe tremendo
Para fazer no mundo a fama eterna,
Eu naõ guarneço em Lerna
De renascentes testas monstro horendo:
Nem outras finjo sanguinosas lides,
Quaes jà fingio a Grecia
Quando no Olympo collocou Alcides.

ESTROFE 2.

As empresas que canto
De plectro naõ precìsaõ lisongeiro
Para levar aos ceos o graõ guerreiro,
Que encheu a Asia de espanto:
Dio, Chaul, e Manorà o dizem;
Di-lo a rica Surrate;
Parnel o conta,
Onde impavido affronta
E o feroz Abexim por terra abate.

ANTISTROFE 2.

Qual (quando a torva frente,
Do regaço de Thetis espumoso,

Bem que ornada de estrellas, procelloso
Ergue o fero Oriente)
Com abrasada mão, da negra nuvem
Dardeja o graõ Tonante
Enfurecido,
Com horrendo estampido,
Um apoz outro o raio crepitante;

EPODO 2.

Tal na feroz batalha o varaõ forte,
Tinto de sangue e arremeçando a lança,
Uma sobre outra lança
Em negra sombra envolta a dura morte.
Em Mecca entaõ que prantos se escutàraõ!
Mas nas praias do Tejo
Oh que virentes palmas rebentàraõ!

ESTROFE 3.

Mas naõ sò na illustre arte
Das batalhas crueis se faz famoso
Heroe que as palmas, de honra cubiçoso,
Corre a colher de Marte.
Romper sem dãno por falange immensa,
Que certa da victoria
Cobre a campanha,
He taõ gentil façanha
Que de triunfos cem val mais que a gloria.

ANTISTROFE 3.

De meu arco sonoro
Eu as frechas em vão naõ vibro ao vento:
O grande Xenofonte ao firmamento
Naõ sobe o Aonio coro?
Foi por vencer talvez o graõ combate,
Que do throno luzido
Feroz decide?
Naõ; que na cruel lide
Cyro, a pezar da Grecia, foi vencido

EPODO 3

Porèm feras nações que a longa estrada
Lhe cèrraõ, qual de bronze erguido muro,
Atravessar seguro;
Tornar sem ser vencido à patria amada,
O levàraõ da fama ao eterno templo.
Mas de taõ alta gloria
Naõ hes, illustre Grego, sò o exemplo.

ESTROFE 4.

O mesmo campo honroso
Igual comtigo o grande Antonio pisa,
E entre os mesmos perigos eternisa
O nome glorioso.

Lyra gentil, desprega as aureas pennas:
Da Taprobana ao seio
Rapida vôa,
Onde a brilhante crôa
Da traiçaõ lhe teceu o monstro feio.

ANTISTROFE 4.

Veràs com que prudencia
Deixa Candea infiel; como cercado
No grão caminho, do inimigo irado
Rebate a violencia.
Nuvens de frechas todo o ar coalhàvaõ;
Em cem partes a morte
O rosto mostra;
Mas tudo vence e prostra
O constante valor do varaõ forte.

EPODO 4.

Lavremos pois, oh Musa, à gran memoria
Com Argivo buril padraõ sagrado;
Morda-se o tempo irado,
Que ella eterna farà a clara historia.
Alma que atraz da fama immenso espaço
Corre, veja em meus hymnos
Que em vão naõ sua bellicoso braço.

# ODE XII.

## A SALVADOR RIBEIRO DE SOUSA.

### ESTROFE 1.

Se com Delphico arado
Das Musas aro o campo luminoso,
Bordando o ameno prado
D'altas virtudes de varaõ famoso,
Genio à sublime empresa igual me inspira,
Pois Thebas me entregou a sua lyra.

### ANTISTROFE 1.

Da Aurora o mar sulcando,
De Pegû pousarei na rica arêa;
Pegû que, o sol roubando,
De preciosos rubîs a fronte arrêa:
Onde, alçando padrões de eterna gloria,
Gravarei de Ribeiro a grande historia.

### EPODO 1.

Cem estradas me mostra a seus louvores
Fulgurante virtude,
Ou quando o povo rude
De Bellona fulmina entre os rigores;

Ou quando no esplendor do solio augusto
Converte a dura espada em sceptro justo;
Ou quando em fim o deixa;
De que o barbaro povo inda se queixa.

ESTROFE 2.

A uma alma generosa
Horrido he ver que ao braço seu se nega
A palma gloriosa,
Por quem à morte sem horror se entrega:
Mas ver n'outro luzir sua fadiga,
Em Troia, quanto custa, Aiax o diga.

ANTISTROFE 2.

A lança soppesando,
Denodado entre as armas se arremessa,
De sangue rosciando
Do Egêo flutisonante a arêa espessa.
Quantos, entre os arnezes aboiados,
O Xantho leva corpos estroncados!

EPODO 2.

Triunfa, bem que o premio naõ consegue
Das famosas emprezas;
Nas inclitas proezas
Cada vez mais constante o heroe prosegue:
Mas quando a vil astucia vê ornada
De crôa sò por seu valor ganhada,

Toda a razaõ perdida,
Do peito arranca a portentosa vida.

ESTROFE 3.

Avara, igual destino
Ao nosso heroe reparte infausta estrella;
Mas seu furor malino
Naõ turba a paz serena da alma bella;
Pois a pezar do povo subjugado,
Constante entrega o sceptro conquistado.

ANTISTROFE 3.

Em vão lhe representa
A turba dos Xemins toda a injustiça;
Que o sceptro que sustenta
De seu esforço he fructo e da justiça;
Que mais preza Ribeiro a lealdade,
Que do throno a pomposa magestade.

EPODO 3.

Sagrado Tibre, que da antiga gloria
Inda corres vaidoso,
Do teu reino famoso
Os varões grandes pinta na memoria,
Paulo, Marcello, Fabio vigilante;
Que um heroe a Ribeiro similhante,
Naõ deu aureo Destino
Ao golfo immenso do valor Latino.

# ODE XIII.

A JOÃO RODRIGUES DE SA', CHAMADO O DAS GALES.

ESTROFE 1.

Hymnos que, o sceptro de ouro
De citharas soantes
Regendo triunfantes,
Arbitros sois da fama e seu thesouro,
Nos bronzes da memoria hoje gravemos
De Sà o nome honroso;
Seu genio bellicoso
Das flores de Hyppocrene coroemos.

ANTISTROFE 1.

Elle entre o fatal risco
Naõ deixa a patria amada,
Brandindo a dura espada,
Da brava guerra horrisono corisco.
Elle entre as furias da borrasca escura
A segue fluctuante,
Atè lançar triunfante
Ás ancoras no porto da ventura.

EPODO 1.

O Tejo que, accurvado
Dos Hispanos baixeis c'o grave peso,
Gemia em raiva acceso,
Na horrenda batalha o vio pasmado
Fazer menos famoso,
Tinto de sangue e de grande ira armado,
Do Emonio Achilles o furor glorioso.

ESTROFE 2.

Os Cyclopes membrudos
Com taõ grande ruido
Sobre o raio torcido
Naõ vibraõ na Trinacria os golpes rudos,
Como, seguindo as furias da vingança,
Vibra o varaõ prestante
O pesado montante,
Que um chuveiro de mortes de si lança.

ANTISTROFE 2.

Nobre objecto de gloria
Sobre o lenho alteroso
Foi Aiax valoroso,
Balançando dos Teucros a victoria.
Mas com menos valor naõ se abaliza

O varaõ Lusitano,
Quando o feroz Hispano
Nas cativas galès triunfante piza.

EPODO 1.

Neptuno entaõ turbado,
Ao ver do ardente braço a horrenda furia,
Prevîu a grande injuria
Que em Lysia lhe prepara o duro Fado,
Quando o feroz tridente,
Seus reinos invadindo, o Gama ousado
Tributario farà da forte gente.

ESTROFE 3.

Para adular vaidosa
Do Lacio a fera gente,
O rei de Ardea potente
De immenso armou valor lyra famosa.
Dentro dos muros da recem-cidade,
De cem furias cercado,
Correr o faz irado,
Solta de sangue horrenda tempestade.

ANTISTROFE 3.

Alli a cruel lança
Soppesando animoso,
Sobre o Phrygio orgulhoso
Tirãnas mortes em chuveiros lança.

Em vão ao seu furor bravo inimigo
Oppôr-se intenta ousado,
Que o Rutulo extremado
A nova Troya sò pôs em perigo.

EPODO 3.

Assim viste assombrada,
Araduca gentil, o varaõ forte
Entre os genios da morte
Cevar em sangue a tragadora espada:
Tu viste verdadeiro
Quanto do Tibre à prole celebrada
D'aurea Musa fingiu som lisongeiro.

ESTROFE 4.

Mas jà veloz nos chama
De Calipo às campanhas
A ver novas façanhas
O sonoro clarim da heroica fama.
Jà das armas o som tremendo sôa;
Jà a chocar ligeiras
Correr vejo as fileiras;
Dos cavallos o estrondo a terra atrôa.

ANTISTROFE 4.

Em vão de fina malha
Se veste o Ibero ousado,
Que o cavalleiro irado

Lorigas, murriões e corpos talha.
Foge o feroz contrario ; e detestando
No peito a infausta guerra,
Jà deixa a Lusa terra,
De seu sceptro a cubiça sepultando.

EPODO 4.

Dirà talvez quem sente
Da minha voz o som harmonioso,
Que eu ao varaõ famoso
Jà diadema teci resplendecente ;
Mas novo se levanta
Alto trofèo là onde Ceuta ardente
Feroz do Herculeo mar piza a garganta.

ESTROFE 5.

Alli com fero estrago
Da gente Mauritana
A terra Tingitana
De sangue inunda em espumante lago.
Do Guadalete a lugubre campina
Entaõ enfreia o pranto,
Absorta vendo o quanto
Em Africa destroço o heroe fulmina.

ANTISTROFE 5.

Mas entre o som irado
Das armas pavorosas

Corôas sanguinosas
Assaz, Clio gentil, temos formado.
Voltemos pois o vôo a outra esfera,
Onde em solio estellante
Com o varaõ prestante
A pacifica Pallas nos espera.

EPODO 5.

Do seu reino luzente
Quanto espaço correu o heroe famoso!
Roma o vio glorioso
Brandindo as armas da profunda mente.
Mas, lyra, ancora lança
Das famosas acções no golfo ingente,
Que nem sempre respira o mar bonança.

# ODE XIV.

A DUARTE PACHECO PEREIRA, VALOROSO CAPITÃO, DEFENSOR DO REINO DE COCHIM.

ESTROFE 1.

Eu naõ consagro altares
Da vil lisonja ao Idolo profano;
Nem cruzo os subtis ares,
Cantando apar do graõ Cysne Thebano,
Para o nectar libar de immortal hymno
Ao luxo, da opulencia parto indinno.
O genio que me inspira, alto e sagrado,
Em mais estima e préza
A formosa virtude em baixo estado,
Que o fausto inerte de uma vãa riqueza.

ANTISTROFE 1.

Tu, oh forte Pacheco,
Do ceo de Marte estrella luminosa,
De cujo nome ao eco
Ainda Calecut treme medrosa,
Hoje o norte seràs da minha lyra,
Que de gloria immortal aura respira.

Da encanescida idade no regaço
Naõ dorme a honrosa fama
De teu illustre portentoso braço;
Mas do Pindo a farà mais viva a flãma.

EPODO 1.

As passadas façanhas na memoria
Grecia representando,
Oh quantos com a luz da eterna historia
Heroes està mostrando!
Cimon que de Eurymedon torna as ondas
De sangue em triste lago:
Timòtheo fero estrago
De Olyntho e Paphlagonia: Epaminondas...
Mas entre todos, por igual a Alcides,
Aponta com o dedo a Leonides.

ESTROFE 2.

Qual Austro procelloso,
Habitante feroz do polo frio,
Que corre impetuoso
A assolar de Neptuno o senhorio,
Da Grecia a devastar o rico seio
Xerxes corria de esperança cheio.
Neptuno em vão o affronta na carreira,
Que aos barbaros sem conto,
Com suas ondas he fraca barreira
A espantosa muralha do Hellesponto.

ANTISTROFE 2.

Tal o varaõ famoso,
Que de Europa gentil vê o desmaio,
Enrestando animoso
A mortal lança, corre, veloz raio,
De Marte ao campo, e à rapida torrente
Se oppôe com pouca, mas briosa gente:
Atè que de vibrar mortes cançado,
Quasi aos pès da victoria,
Thermopylas o vê, cedendo ao fado,
A grande alma entregar nas mãos da gloria.

EPODO 2.

Lysia, com mais razaõ podes jactar-te
Que entre as guerreiras lides
Pacheco, no valor igual a Marte,
Excede a Leonides.
Dize-o tu, ó Balurt, que o rosto viste
Do Indico Oceano
Tinto de sangue humano,
E a fronte d'altas palmas lhe cingiste:
Menaõ o diga, diga-o o largo Ganges,
Que rotas vio as barbaras falanges.

ESTROFE 3.

Cem paràos torreados,
D' onde por boccas mil brota Mavorte,

Entre horrorosos brados,
Em fogo, em fumo, em sangue envolta a morte;
Zargunchos, flechas, que em chuveiros vôaõ;
Elefantes bramindo a terra atrôaõ;
Neptuno da batalha ao som horrendo
No fundo mar se espanta;
Nos eixos muda a terra està tremendo;
Mas nada o grande coraçaõ quebranta.

ANTISTROFE 3.

Do Samorim potente,
Muro de bronze contra o braço irado,
Do perigo imminente
De Cochim defendeu o rico Estado,
De immenso luto o Malabar tingindo,
Qu'inda os glopes crueis està sentindo.
Trimumparà, que absorto em tantas glorias,
Cahir do estoque agudo
Vê a morte em mil formas, das victorias
As sombras lhe bordou no avito escudo.

EPODO 3.

Mas naõ he theatro sò da sua fama
O gentilico Oriente,
Que a seus laureis ministra nova rama
Da Gallia a forte gente.
Vos, ondas, a quem deu nome famoso
O Mauritano Atlante,

Campo foste brilhante
De honrosas palmas ao campeaõ glorioso:
Que em toda a parte o leaõ, em toda a idade,
Igual conserva a innata magestade.

ESTROFE 5.

Da passada rapina
Ufano Mondragon o mar cortava,
E com fatal ruina,
De cem furias cercado, ameaçava
Quanto rico baixel do Indostan vôa
De parcas carregado à gran Lisboa.
Mas o bravo Pacheco n'um instante,
Os lenhos fulminados,
Do pirata a seus pès vio triunfante
Os arrogantes brios derribados.

ANTISTROFE 4.

Quanto, quanto se engana,
Se, em si fiado, o são merecimento
Da fortuna tyrãna
Ao barbaro revez se julga izento!
Pois com torvo semblante sempre a inveja
Olha a virtude, que opprimir deseja.
Em vão, mortaes, naõ clama a minha lyra,
Se, para illustre exemplo,
Entregues da pobreza à cruel ira
A Pacheco e Milciades contemplo.

EPODO 4.

Famoso heroe, negando-te as riquezas,
Em vão triste Destino
Avaro intenta às inclitas proezas
Negar-te o premio dinno.
D'aurea fama immortal rico thesouro,
Que sempre resplendece,
Parnaso te offerece,
A par do qual naõ brilha o fragil ouro;
Pois hoje as Musas, do valor amigas,
Crôaõ por minhas mãos tuas fadigas.

# ODE XV.

A FERNANDO PERES DE ANDRADE, CAPITÃO-MOR DO MAR DE MALACA.

ESTROFE 1.

Arde no humano peito
Nobre ambiçaõ de gloria,
E de levar nas asas do respeito
Nome immortal ao templo da memoria.
Esta violenta chãma
Em nossos corações tanto se inflãma,
Que atè crueis exemplos
Ousàraõ demandar altar e templos.

ANTISTROFE 1.

Cesar, cruel verdugo
Do povo de Quirino,
Lavrando à grande patria eterno jugo,
Assim as honras logra de divino.
De tanto vituperio
Parnaso se cobrio em seu imperio,
Que mil cysnes se alçàraõ
E em virtudes seus vicios transformàraõ.

EPODO 1.

Bella Elysia, se toco a lyra ufano,
Graças ao fogo ardente
Que accende grande Nume em minha mente
Eu seus nobres accentos naõ profano;
Mas esmalto a memoria
Dos varões que, em virtude sò famosos,
Levantàraõ padrões à tua gloria
Que as Egypcias agulhas mais honrosos.

ESTROFE 2.

De meu arco possante
Hoje o famoso Andrade
Alvo serà: seu nome triunfante
No porto surgirà da Eternidade.
Mas no golfo espantoso
Das sublimes acções do heroe famoso,
A que rumo primeiro
Porei a prôa do baixel veleiro?

ANTISTROFE 2.

Aqui, de voraz chãma
Entregue à cruel ira,
Panane moribunda em vão exclama,
E a seu braço execrando em fim exspira.
Là, pizando ruinas,
Tremòlaõ em Malaca as Lusas Quinas;

Cà, victima da guerra,
Em cinzas jaz Dabul na afflicta terra.

EPODO 2.

Alli no seio da triunfante Dio,
Onde, apezar dos annos,
Inda ferve o valor dos Lusitanos,
Treme a terra, arde o polo, geme o rio
Pangim entre os horrores . . . .
Mas de Carneo offende as luzes bellas
Quem, vendo os seus brilhantes resplendores,
A tibia luz exalta das estrellas.

ESTROFE 3.

Cobrindo os senhorios
Do indomito tridente,
A abrir de sangue em Grecia largos rios
Feroz de Susa desce o rei potente.
Sobre as immensas velas
A terra ameaçava, o mar e estrellas;
Mas tu, oh Salamina,
Beber lhe viste o vaso da ruina.

ANTISTROFE 3.

Themistocles, columna
Da patria fluctuante,
Em seus hombros da Argolica fortuna
Sustèm ousado o solio vacillante.

Entre a frota inimiga
Cruel se lança, e intrepido castiga
Em seus lenhos sem conto
O grande opprobrio feito ao Hellesponto.

EPODO 3.

Tu, Malaca gentil, naõ de outra sorte,
De Megéra agitado,
Em cem baixeis correr viste indignado
O fero Jào a dar-te horrenda morte.
Mas o guerreiro ardente,
Que jà mais vira o rosto do receio,
Pelas mãos do destroço em continente
A pôr-lhe corre sanguinoso freio.

ESTROFE 4.

Quando, no graõ conflito,
Arder immenso espaço
Do undoso reino vio Neptuno afflicto,
Quanto temeu a furia de seu braço!
Mas o aureo semblante
Em meu hymno a serena paz levante,
E na Estyge terrivel
Esconda a eterna noite Marte horrivel.

ANTISTROFE 4.

Novo de honrosa fama
Soberbo promontorio

Da minha lyra as aureas velas chama
Da famosa Cantaõ ao rico emporio.
Oh! de que maravilha
Meu peito se enche, ao ver na nova quilha
O grande cavalleiro
Que seus mares ousou trilhar primeiro!

EPODO 4.

Naõ vibrando feroz a cruel chãma
Dos raios de Mavorte,
Crueis ministros de discordia e morte,
Alli deixou eterna a sua fama:
Mas com alta prudencia,
As aureas portas glorioso abrindo
Do commercio, da paz e da opulencia;
Gloria que hoje celebra o Luso Pindo.

# ODE XVI.

## A NUNO FERNANDES DE ATAIDE, GOVERNADOR DE SAFIM.

### ESTROFE 1.

Hoje, brilhante lyra, naõ iremos
Lavrar os mares da arrogante Gôa;
Nem para entretecer Mavorcia crôa
As Gangeticas palmas colheremos;
Que do feroz Anthêo a ardente terra
De valor hum thesouro em si encerra.

### ANTISTROFE 1.

As velas larga pois, celeste Musa,
Do harmonico baixel ao forte vento;
De novo immortal hymno o grave accento
Nos largos campos trôe de Ampelusa;
Pois a fera Safim em seu regaço
Immenso louro offrece ao nosso braço.

### EPODO 1.

Oh quanta luz derrama
De coruscante gloria

Nos reinos da memoria
Do impavido Ataide a grande fama !
Cem provincias, cem povos a seu lado
A dura cerviz vejo,
Oh triunfante Tejo,
Dobrarem a teu jugo carregado.

ESTROFE 2.

Qual negro furacaõ tempestuoso
Que nas fèrvidas rodas pelos ares
Cem florestas revolve, cem lugares,
Espectaculo aos olhos lastimoso,
Tal assolando corre o heroe prestante
Os campos de Ducala e Tarudante.

ANTISTROFE 2.

Sobre ardido ginete accelerado
Ora em Cantim o rei feroz aterra,
Ora de Benimàgra o vê a serra
Romper por suas lanças denodado;
Qual rio que, vencendo as altas margens,
Tudo leva nas rapidas voragens.

EPODO 2.

Jà nuvem carregada
De sangue e de ruinas
Sobre tuas campinas
Em carnagem, Tednest, cahe desatada.

Pallida, vacillante, e submergida
Entre as sombras da morte,
Viste o guerreiro forte;
Mas prostrada a seus pès salvas a vida.

ESTROFE 3.

Em tanto vê Marrocos, ondeando,
De seus altos merlões, mil Aduares,
Em crepitantes chãmas pelos ares,
Em vão em seu favor Meca invocando;
Que o furor grande do varaõ famoso
Tudo abate com pè victorioso.

ANTISTROFE 3.

E qual seu pasmo foi, qual seu desmaio,
Quando na testa da galharda gente,
'As suas portas vio heroe valente
Da voraz lança arremeçando o raio!
Treme, brama, ameaça, desatina;
Corre à vingança, e encontra co' a ruina.

EPODO 3.

Das reaes aguias em Cannas,
Roma, perdida a gloria,
Nas asas da victoria,
Sobre si, entre as lanças Africanas,
Com tanto horror naõ vio o Peno irado,
Que a cevar na ruina,

Que cruel lhe destina,
O monstro da vingança traz ao lado.

ESTROFE 4.

Formidavel qual Austro impaciente,
Terrivel campeaõ do reino aquoso,
De Safim sobre os muros, procelloso,
Quanta carnagem faz na infida gente!
Quanta em Conte a seus pès prostra e fulmina!
Quanta nos ferteis campos de Almedina!

ANTISTROFE 4.

Mas em vão pelos campos da memoria
Hoje, sagrada lyra, as asas bates,
Se a enumerar aspiras os combates
Em que os louros colheu d'alta victoria.
Piloto que se engolfa no Oceano
Immenso sempre encontra o argenteo plano.

EPODO 4.

Oh! se o guerreiro peito,
No campo bellicoso,
O termo glorioso
Naõ passàra, de estragos satisfeito!
Mas, oh sede insaciavel de victorias,
Que uma alma formidavel
Abrasas implacavel,
A quantos saõ funestas tuas glorias!

ESTROFE 5.

Cingida a fronte de triunfante rama,
Do bravo Carlos vôa temeroso
Por toda a terra o nome glorioso,
Sobre as asas altissonas da fama:
Gallia e Germania o ouviaõ assustadas,
E Lorena e Liege debelladas.

ANTISTROFE 5.

Mas o genio feroz, que sò descança
De Mavorte entre os horridos perigos,
A buscar corre novos inimigos,
De coruscantes louros na esperança.
A fortuna porèm do heroe prestante
Nem sempre crôa o braço fulminante.

EPODO 5.

Nancy, que aos pès prostrada
Triunfante um tempo vira,
De seu braço contra a ira
A fronte a levantar se atreve armada.
Em vão para o castigo o varaõ forte
Move as feras batalhas,
Que as soberbas muralhas
Despojo o vìraõ da implacavel morte.

ESTROFE 6.

Igual sorte, do Fado entre os arcanos,
Ao nosso heroe, com fera tyrãnia,
Nos duros diamantes escrevia
A mão tremenda dos feroces annos.
Iguaes foraõ no esforço e na ventura;
Iguaes na gloria, iguaes na desventura.

ANTISTROFE 6.

A um sò aceno da pesada lança,
Fèz e Marrocos pallidos tremiaõ;
Xerquia e Garabia à sua voz corriaõ,
Temendo as furias da cruel vingança:
E Uled-ambràm, a quem deixa rendida,
Uled-ambràm lhe tira a illustre vida.

EPODO 6.

Inveja à tua sorte,
E naõ pranto, he devida,
Famoso heroe, se a vida
Remataste na mais honrada morte;
Onde aos Manes Marciaes podia alçarte
O braço do Destino
Um Mausoleo mais dinno,
Do que entre as lanças do brioso Marte.

# ODE XVII.

A GONÇALO PEREIRA MARRAMAQUES CAPITÃO-MOR DAS ILHAS DE AMBOINO.

ESTROFE 1.

Quando o cysne do Ismeno,
Sobre a Olympica arêa,
Aos ceos feroz virtude alçar se via,
A demandar triunfante a palma Elêa;
Entaõ pelo ar sereno
A's altas nuvens rapido subia,
E de eterna harmonia
Soltando impetuoso immensa fonte,
Lhe alagava o suor a ardente fronte.

ANTISTROFE 1.

Se seu divino alento
Entre nòs respirasse,
E o prazo de teus feitos coruscantes,
Magnanimo Pereira, contemplasse,
Quantas, do aureo instrumento,
Vibràra em teu louvor settas brilhantes!
Teus louros scintillantes

Quanto aos astros se vîraõ levantados,
De Dirce com o sacro humor banhados!

EPODO 1.

Mas se a celeste lyra,
Nos reinos do silencio sepultada,
Jà naõ respira;
Eu que, dos astros pela accesa estrada,
Seguindo vou seu rasto luminoso,
De teu nome famoso
Deixarei a memoria eternisada.

ESTROFE 2.

Sobre a arpa Lusitana
Os cidadãos do Tejo
Por ti veraõ descer a melodia
Das Argivas canções que em Lysia rejo:
Jà sua luz sobrana
Se derrama na vaga fantasia,
E tanto me alumia,
Tanto com seu ardor me inflãma a mente
Que das armas o horror vejo presente.

ANTISTROFE 2.

Jà no conflito horrendo
Vejo o baixel possante
De cem barbaras velas combatido,
Que em denso fumo o cèrraõ 'num instante.

Jà ouço o som tremendo
Do salitrado pò: ao graõ rugido
Neptuno espavorido,
Larga a redea aos cavallos, que espantados,
Quebrado o jugo, fogem desbocados.

EPODO 2.

No funesto combate
Ferver com tanto estrago o mar profundo
Naõ vio Leucate,
Quando seguindo Marte furibundo
Da feroz Roma a triunfante gente
Entre si cruelmente
O grande sceptro disputou do mundo,

ESTROFE 3.

De Eolia procellosa
Nos cegos aposentos,
A Meca em vão propicio, Eòlo cerra
O bravo povo dos sonoros ventos,
Que a furia pavorosa
Do grande heroe o Thracio orgulho aterra.
Jà deixa a infausta guerra
O contrario feroz, e na fugida,
Perdido o pejo, salva a infame vida.

ANTISTROFE 3.

Mas do Indico Oceano
No profundo regaço
De novas palmas a victoria arreia
O grande resplendor do invicto braço.
Tu, desfazer ufano,
Ternate, o viste de alvoroço chêa,
A pesada cadêa,
Que dos iniquos reis a furia brava
Nas fragoas da vingança te forjava.

EPODO 3.

Assim vio Arethusa
Voar Gylippo, e soccorrer valente
A Syracusa,
Quando de Athenas a famosa gente,
Seus muros coroando vencedora,
A espada cortadora
Lhe tinha sobre o collo jà pendente.

ESTROFE 4.

Com taõ fero estampido
Naõ ròla despenhado,
Ferindo longamente os vagos ares,
De immenso monte o cume levantado,
E em pedaços partido,

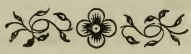
De ruinas afoga em largos mares
Cem povos, cem lugares,
Como sobre Itto cahe o heroe sublime,
E cem cidades façanhoso opprime.

ANTISTROFE 4.

Em vão, da atroz vingança
Seguindo a furia, intenta
O jugo sacudir Amboino ousada.
De morte e sangue a horrisona tormenta,
Que espalha a feroz lança,
Eis de novo provoca accelerada;
Em vão, em vão fiada
Nos feros Jàos, na impenetravel serra,
Que tudo à sua vista cahe por terra.

EPODO 4.

Assim no campo honroso
Colhe de Marte os louros da victoria
O heroe famoso:
Assim, seguindo o resplendor da gloria,
Da Eternidade entrou no augusto templo,
Onde immortal exemplo
He do Luso valor sua memoria.



# ODE XVIII.

## A ANDRE DE ALBUQUERQUE.

### ESTROFE 1.

Se o braço vencedor, do arco armado
Que faz tremer o negro esquecimento,
Nova guerra publìca ao tempo irado;
Alta virtude, são merecimento,
O seu impulso move, move-o a fama,
Que sem igual acclama
Entre as batalhas Albuquerque ardente,
Gloria da Lusa, horror da Hispana gente.

### ANTISTROFE 1.

Frio, sem côr, de seu destino incerto,
De horrida selva de erriçadas lanças
O Caia o campo seu via coberto;
Estragos respirando, odios, vinganças.
Alli se uniaõ para a brava guerra
Quantas Iberia encerra
Nações illustres de robusto peito,
Desde o mar de Cantabria ao Herculeo Estreito.

EPODO 1.

Tè dos campos que inunda largamente
O fabuloso Pado,
Atè do Istro gelado,
Accesa de teu sangue em sede ardente,
Alli se via, oh Lysia, immensa gente;
Gente famosa
Pelas façanhas grandes
Nas longas guerras da rebelde Flandes.

ESTROFE 2.

Da altiva Iberia a natural fereza,
Em taõ possantes forças confiada,
Assim seu brio anima à fera empreza:
Ah! que se tarda? a hora he jà chegada
De punir minha affronta: a grande injuria
Lavarà minha furia:
Hirei, triunfarei, e em mortal guerra
A Lusa raça extirparei da terra.

ANTISTROFE 2.

Disse; e qual grossa rapida corrente,
Que as margens aluindo, furiosa
Sobre os campos se lança em continente,
De teus muros em torno, Elvas famosa,
Se derramaõ as horridas fileiras:
Entre as soltas bandeiras

O rosto alçava, cheio de esperança,
A furia horrenda da brutal vingança.

EPODO 2.

Nos escudos, nos elmos, nas espadas
Dobrava ferozmente
Seus raios Phebo ardente,
Com que tuas muralhas levantadas,
E as campinas ardiaõ dilatadas:
Em toda a parte
Da guerra o som se ouvia,
Que por tua ruina sò bramia.

ESTROFE 3.

Quando enrestando a pavorosa lança,
As redeas larga aos rapidos cavallos,
E qual procella horrisona, se avança
A romper Albuquerque os fortes vallos.
O fogo, o ferro, a morte, que os defendem,
Seu ardor naõ suspendem;
Que heroe que aspira à posthuma memoria
Naõ vê perigos onde encontra a gloria.

ANTISTROFE 3.

A furia olhando do pesado braço,
Que esperança gentil de altas victorias
Brotar da ardente lança em seu regaço
Lysia naõ vê entaõ cheia de glorias?

A seus pès o Indo e o Ganges rebellados
Via outra vez prostrados:
Mas o Fado invejoso d' alto louro,
Cerra em tragico vêo o grande agouro.

EPODO 3.

Roto o vallo em cem partes, que espantoso
A immensa fronte alçava,
Pelas portas entrava
Da famosa victoria o heroe glorioso,
Quando o braço da morte furioso
Lhe corta a vida;
Vôa triunfante a alma;
Que naõ poude a cruel roubar-lhe a palma.

ESTROFE 4.

Com a nova, que triste a fama espalha,
Consola Iberia o doloroso pranto
Da grande perda da cruel batalha:
Consola o sangue immenso, o immenso espanto
Que Albuquerque mil vezes em seu seio
Derramou de ira cheio,
Onde mostrou seu peito quanto o alenta
Sangue do heroe que morto os seus sustenta.

ANTISTROFE 4.

Mas tu, do ufano Tejo alta princesa,
A dôr modera da mesquinha sorte,

Que he de brilhante inveja digna empresa
Morrer a seus contrarios dãdo a morte.
Olha o mancebo Hebreo, susto e ruina
Da infida Palestina,
Como, as prisões rompendo, desbarata
O povo que qual vil escravo o trata.

EPODO 4.

Como à soberba Gaza, em ira acceso,
Arranca a ferrea porta,
E a Hebron a transporta:
Como depois com feio engano preso,
Sendo dos Philisteos mòfa e despreso,
O templo arrasa,
Corre à morte contente,
Porque morrendo mata a infiel gente.

# ODE XIX.

## A MEM LOPES CARRASCO, VALOROSO CAPITÃO NA INDIA.

### ESTROFE 1.

Hoje, Celeste Genio, naõ daremos
Do Pindo a alta riqueza,
(Pois tambem entre nòs um Porcio temos)
A varaõ grande em prospera nobreza.
Cale-se a torpe fama
Que o povo escuro de desprezos cobre,
Quando mordaz derrama
Que o valor sò scintilla em sangue nobre;
Pois que a sombra de humilde nascimento
Talvez iguala o sol no luzimento.

### ANTISTROFE 1.

Quem dos Cimbros o orgulho temeroso
Enfreou denodado?
Naõ foi do Lacio a flor, Mario famoso,
Nas trevas de vulgar berço gerado?
Quem foi que entre ruinas
Defendendo animoso a patria terra

As reaes aguias Latinas
Feroz abate, e com affronta encerra?
Tu às palmas o dèste, agreste mato;
Elysia e Roma o sabem: Viriato.

EPODO 1.

Mas para que, sondando o pègo escuro
Da encanescida historia,
Exemplos de valor, de brio, e gloria,
Entre a plebe solicito procuro,
Se mil raios derrama
De Mem Lopes a fresca immortal fama?

ESTROFE 2.

Arando as ondas do Indico Oceano
Com seus lenhos possantes
Jà na mente cortava o Achem ufano
As palmas de Malaca triunfantes.
Mas o varaõ famoso,
A quem aurea bonança enfuna as vèlas
No golfaõ procelloso,
Em flor lhe corta as esperanças bellas,
Os campos arrasando fluctuantes
De bandeiras, de Mouros, de turbantes.

ANTISTROFE 2.

Quaes ardidos molossos que prêado
Tem indomito touro,

Cem chusmadas galez tem afferrado
O bom guerreiro, de valor thesouro.
Mas o baixel triunfante,
Das entranhas mil mortes abortando,
Quantos se pôem diante
Lenhos abrasa e vai despedaçando.
Foge o tyrãno; e là no patrio seio
Inda o naõ deixa o pallido receio.

EPODO 2.

Naõ com menos valor a mortal lança
Florear denodado
Chaul o viste, quando o Mouro irado
Persuadido da vãa desconfiança,
Pelas mãos do receio
Se arrojou a lavrar-te infame freio.

ESTROFE 3.

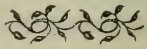
No aureo seio da prospera riqueza
Gozar pomposo estado,
Nem mercimento he, nem he grandeza;
Capricho he sò talvez do injusto Fado.
Mas do feliz thesouro
Com larga mão abrir a rica enchente,
E fecundar com ouro
Da misera pobreza o campo ingente,
Alta virtude esta he que a fama leve
Entre as grandes acções calar naõ deve.

ANTISTROFE 3.

Cantemos, Musa, quaes o heroe famoso,
No horror da gran cidade,
Com benefica mão alçou glorioso
Altos trofèos de naõ vulgar piedade.
Como no horrendo Marte,
Em quanto a sua lança o povo alenta,
Do povo immensa parte
Com seus thesouros liberal sustenta!
Mas quem do claro sol vê a belleza
Das estrellas depois a luz naõ prèza.

EPODO 3.

As velas colhe, oh lyra, que largaste
Ao Zephyro galerno,
Pois jà a seu valor padraõ alçaste
Que rostrada columna mais eterno.
Em vão d'iras e dãnos
Para tragà-lo se arma o rei dos annos.



# ODE XX.

## A ANTONIO GALVÃO, GOVERNADOR DAS ILHAS DE MALUCO.

### ESTROFE 1.

Hoje, harmoniosa lyra, cortaremos
Do Ismeno a azul esfera
Com novo e grande heroe, de heroes exemplo.
As velas larga pois e bate os remos,
Que Galvão nos espera
Da heroica fama para entrar no templo:
Que de acções im ortaes se murcha a gloria,
Se a naõ regaõ as filhas da memoria.

### ANTISTROFE 1.

De Flora na estaçaõ naõ reverdece,
Em ramos taõ fecundo,
O cedro corpulento, honra do prado,
Como a estirpe gentil em heroes florece,
Que dando assombro ao mundo,
Seu nome tem na fama eternisado;
Heroes sublimes, que esmaltando a historia,
A inveja cegaõ com a luz da gloria.

EPODO 1.

Qual lua entre as estrellas,
Entre elles resplendece o graõ Duarte,
Feliz alumno de Minerva e Marte.
De suas acções bellas
Testemunha nas armas he Iberia,
E na paz Albion, Germania e Hesperia.

ESTROFE 2.

Longe do insigne pai naõ firma as plantas
Simaõ claro e famoso,
Entre o bravo furor de Marte irado?
Folhas no inverno naõ derriba tantas
Africo procelloso,
Quantas sobre elle mortes chove o Fado:
Mas antes que aos contrarios ceda a palma
Aos destinos crueis cede a grande alma.

ANTISTROFE 2.

De amarga copia de piedoso pranto
A Gôa vencedora
Ainda as faces banha o caso acerbo.
Envolta em negro vêo naõ chorou tanto
A marchetada Aurora
A triste morte de Memnon soberbo.
A Jorge, a Manuel e a Ruy a sorte
Lhes dà injusta mas honrada morte.

EPODO 2.

Mas a luz de outra historia
Ao sol de Antonio respeitosa ceda,
E da virtude o sceptro lhe conceda.
Seguindo a innata gloria
O vio Maluco, de valor exemplo,
A' sua fama erguer excelso templo.

ESTROFE 3.

Usa a inveja, porèm, que heroes insulta,
Densa nuvem funesta
Sobre o valor lançar do esquecimento.
Oh quanto Luso nome à fama occulta
Da Aurora a terra infesta
Entre as trevas do Lethes sõnolento!
Mas naõ he Dirce em meu furor ingrata,
Nem sua lyra em vão meu plectro trata.

ANTISTROFE 3.

Sahiraõ pois da Ismenia foz triunfantes
Minhas soberbas velas,
Dę seus illustres feitos carregadas:
De Phebo os corredores scintillantes,
Trilhando aureas estrellas,
Seguiraõ suas obras extremadas:
Verà em toda a parte o Tejo ufano
Rendido o tempo ao nome Lusitano.

EPODO 3.

Guiados da vingança
Contra a rica Ternate mortaes dãnos
Forjavaõ do Archi-pelago os tyrãnos
Dentro em sua esperança;
Abatida a seus pès jà a fingiaõ,
E co' a morte cruel luctar a viaõ.

ESTROFE 4.

Mas Galvão, qual relampago espantoso,
Subito resplendece,
E em seu sangue a pesada lança ceva.
Jà toca a terra e, arroio impetuoso
Que d'altos serros desce,
Irado quanto encontra ante si leva.
Oh! quaes gritos Tidore ao ceo mandaste,
Quando aflicta os crueis golpes provaste!

ANTISTROFE 4.

Pallida e vacillante, em vão procuras
Esconder-te à ruina
Que o magnanimo heroe sobre ti lança.
Qual entre nuvens fusilando escuras
Raio voraz fulmina,
Sangue, morte e terror, a forte lança
Jà em teu seio immensa chãma atêa,
E tuas cinzas sò cobrem a arêa.

EPODO 4.

Nas Africanas praias
Feliz surgindo Agathocles valente,
Ao ver da sua armada a pouca gente,
Ao fogo as leves faias
Ardiloso entregou, e desta sorte
Aos seus ensina a affrontar a morte.

ESTROFE 5.

Generosos guerreiros triunfadores
Da morte em mil perigos,
Africa que pizais, Africa dura,
Nossa serà, se formos vencedores;
Se o saõ os inimigos,
Teremos nella honrada sepultura.
Em qualquer lance pois que nos vejamos,
Da lança e naõ da armada precisamos.

ANTISTROFE 5.

Disse; e a lança feroz arremeçando,
C'os barbaros enrèsta,
Augurando em seus brios a victoria.
Naõ lhe mente a esperança; pois chocando
Com a caterva infesta,
D' affronta a cobre, e a si de immortal gloria.
Assim os seus anìma, assim valente
Carthago doma audaz com pouca gente.

EPODO 5.

Na mente igual conselho,
Oh Galvão, te raiou quando alentado
O forte à chãma entregas conquistado.
D'alta prudencia espelho,
Assim chegaste, viste, triunfaste,
E da liga a cruel hydra estroncaste.

ESTROFE 6.

De mellisonas settas inda cheia
Tenho a Phebea aljava
Pelas mãos fabricadas da verdade:
Sabe-o o Mogor, que pallido receia
De seu braço a ira brava;
E tu, que entre a Mavorcia tempestade,
Teus povos, oh Quirimba, desgraçados
Em chãmas mais crueis viste abrasados.

ANTISTROFE 6.

Mas cede o campo a marcial virtude
A outra mais radiante,
Bella filha do ceo candida e pura.
De idolatras ao ver a turba rude,
Arde o varaõ prestante
Na ambiçaõ de extirpar a seita impura:
Jà seguindo a formosa luz que o guia,
Mortal guerra publìca à idolatria.

### EPODO 6.

Nesta celeste empreza
Oh quanta contrastou fadiga acerba!
Em debellar do Tartaro a soberba
Naõ poupa alta riqueza;
Que em pouco estima a luz do fragil ouro
Quem sò tem as virtudes por thesouro.

### ESTROFE 7.

Qual nova, Mindanào, estrella pura
Scintilla em teu oriente,
Rasgando a densa nevoa que te assombra!
Brilhar te vê com nova formosura
Suspensa a inculta gente
Que da lei falsa segue a torpe sombra.
Ah! sobre ti as asas là estende,
E no teu seio a Fè seu lume accende.

### ANTISTROFE 7.

Admirado a seus pès o Vaticano
Prostrados vê por terra
Amboinos, Macaçàs, povo infinito.
Alli rasgado o vèo do feio engano,
Que a verdade lhe cerra,
Puros votos offrece em santo rito:
Alli nova belleza e luz recebe,
E da Eterna Verdade os raios bebe.

EPODO 7.

Oh gentes venturosas,
Que os olhos entre a treva ao Ceo alçastes,
E da Graça na fonte vos lavastes!
Galvão voz fez ditosas;
Nelle unido vos deu sacro Destino
De Numa o grande genio e de Quirino.

# ODE XXI.

## A LOPO DE SOUSA COUTINHO, CAPITÃO E HISTORIADOR.

### ESTROFE 1.

Musas, se eu vos mereço
Que meu fervido rogo ouçais benignas,
As mais brilhantes flores, as mais finas,
Que nas faldas produz o sacro monte,
Me dae para a grinalda que hoje teço.
Com ella a invicta fronte
Cingir pertendo a Lopo esclarecido:
Seu nome naõ vos he desconhecido;
Pois vòs nos alvos braços o criastes,
E de Castalio louro o coroastes:

### ANTISTROFE 1.

Vòs do sagrado templo
Lhe mostrastes da fama a grande estrada,
De gloria e de perigos rodeada;
Que o filho de Laertes glorioso,
De valor e prudencia raro exemplo,
Seu nome taõ famoso

Do vil ocio naõ fez no molle seio;
Mas em Phrygia, de immensa furia cheio,
Sangue, terror e espanto derramando,
E de Neptuno a colera domando.

EPODO 1.

Como, escalando intrepido e brioso
Os arrogantes vallos,
O Palladio fatal rouba animoso,
De Troya segurança.
Como os bravos cavallos,
Extrema dos Dardanios esperança,
A Rheso tira, tira a doce vida,
Sem gloria e em vão perdida.

ESTROFE 2.

Como feroz entrega
Dolon às Parcas, a Ixion valente:
Como de Atrêo c'o sangue a arêa ardente
Do Scamandro espantoso tinge e banha:
Como a talhante espada naõ socega
Na barbara campanha,
Tè que o fero Ilion prostra por terra:
Como de Thetis pelos campos erra,
E em Ithaca, cegando o atroz gigante,
De Neptuno apezar entrou triunfante.

ANTISTROFE 2.

Em vivo amor da gloria
Com taõ brilhante exemplo arder se sente
Do insigne heroe o coraçaõ valente.
Ao campo corre do cruento Marte
As palmas a colher, que a alta victoria
Liberal lhe reparte.
Tu, Palerin, de sangue rosciado,
Qual alta rocha, o viste, em mar cavado,
Que às ondas quebra a colera insoffrida,
O orgulho romper da gente infida.

EPODO 2.

De seus trofèos em vão intenta o Fado
Suspender invejoso
A gran torrente, e em seu succorro irado
Dos soltos ventos chama
O povo revoltoso.
Acceso o mar, o ceo acceso brama;
E dos feros ardentes basiliscos
Rebentaõ mil coriscos.

ESTROFE 3.

Oh que immortal luzeiro
Foi entre tanto horror o varaõ forte

De valor e prudencia! Em vão a morte
Dos inflãmados bronzes sahe bramando:
Em vão de agudas settas um chuveiro
Os ceos està toldando;
Que o feroz braço, contra o povo rudo,
Aos seus soldados foi arnez e escudo,
Tè que o mar outra vez toma estuoso
Em seu seio o baixel victorioso.

ANTISTROFE 3.

E qual na brava gente
Terror espalha a vingadora espada,
Quando cahe da muralha levantada,
Um diluvio de sangue derramando,
Qual d'alto monte rapida torrente
Os campos alagando;
De toda a parte corre o Thrace infido
Da gran furia a esconder-se espavorido;
E de seu nome aos eccos que soàraõ,
As carnes ao Baxà se arripiàraõ.

EPODO 3.

Mas que pertendes, lyra, em teus furores?
Do rio caudaloso
Nas ribeiras colher todas as flores?
O solto pano ferra;

Deixa o mar procelloso,
E a prôa volve à socegada terra:
Que em breve tempo entrar no alegre porto
He singular conforto.

# ODE XXII.

## A DIOGO DA SILVEIRA, FAMOSO CAPITÃO NA INDIA.

ESTROFE 1.

Gozar no brando seio da riqueza,
De prazeres cercado,
O fausto da grandeza
A meta sempre foi do vulgo errado:
Mas alma que a virtude busca e ama
Detesta a vil inercia; sem cubiça
Vê o resplendor do ouro:
Que scintillante fama
He sò dos grandes genios o thesouro.

ANTISTROFE 1.

De Scyro no palacio sumptuoso
Gozava disfarçado
O Pèlida espantoso
Brandas lisonjas de propicio Fado:
Mas tanto que lhe pinta na memoria
Da guerreira trombeta o som terrivel

O rosto refulgente
Da immarcescivel gloria,
A pompa feminil despe impaciente.

EPODO 1.

Em vão Thetis formosa,
De Deidamia c'o pranto,
Em vão c'o pranto seu deté-lo intenta:
Para o encher de espanto,
Da morte o torvo aspecto lhe appresenta
Que em Pergamo o esperava furiosa;
Mas nada prende o fero moço ardente,
Que, por honrar a patria,
A' morte, grande heroe, corre contente.

ESTROFE 2.

Do perjuro Ilion, rasgando os mares,
Vôa aos campos ligeiro,
Qual rompe os turvos ares
Relampago de estragos mensageiro.
Alli a lança empunha formidavel;
E na veloz quadriga, de alto esforço
Obrando mil prodigios,
Horrendo, inexoravel,
A ferro e fogo escala os campos Phrygios.

ANTISTROFE 2.

Lyra audaz que, soltando o largo pano
Do Asopo ao fresco vento,
Te engolfas no Oceano,
E do rumo te alongas 'num momento;
De Antandro deixa o campo sanguinoso,
Pois em Diogo tens mais alto exemplo:
A' Aurora volve a prôa,
Onde o nome famoso,
Qual astro scintillante, immortal vôa.

EPODO 2.

Naõ de arnez tresdobrado,
Por Pyracmon batido
Da Trinacria nas feras officinas,
Alli o heroe vestido
O Malabar semeia de ruinas:
Mas de seu grande coraçaõ armado,
Jà no mar, jà na terra irado e forte,
Corre a affrontar seguro
Os feros batalhões da voraz morte.

ESTROFE 3.

Para vingar feroz a grande injuria,
Seus bosques despovôa
Do Samorim a furia.

Em vão seus mares de paràos povôa;
Em vão de ufanos Naires suas praias
Contra o braço immortal borda raivoso;
Que o cavalleiro invicto
Rompe as chusmadas faias,
E ao fogo entrega Calecut aflicto.

ANTISTROFE 3.

Qual sahe da escura nuve o voraz fogo
Que Tonante fulmina,
Que a terra aclara, e logo
Altos bosques e torres arruina,
Tal Mangalor o vio, tal Castellete,
Tal Bandorà, tal Pate, e tal Taloya;
Tal Baçaim ousada
Que a seu braço submette,
A pezar de Tocaõ, a fronte armada.

EPODO 3.

Clio, que as tranças bellas
Ornas de eternas flores,
As asas bate abrindo os subtìs ares;
Meus bravos corredores
Guia da Arabia aos procellosos mares,
Do grande heroe seguindo as soltas velas.
Alli cheio o veràs de immortal gloria,
Obrar na dura guerra
Acçaõ mais digna de immortal memoria.

ESTROFE 4.

Depois que as grandes asas despregàraõ
As reaes aguias Latinas,
E o vôo audaz voltàraõ
A cevar-se de Iberia nas ruinas,
Oh qual à fera Roma alçou barreira
Do Luso Viriato o duro braço!
E quanto o Ebro ufano,
Na rapida carreira,
Quanto o Tejo engrossou sangue Romano!

ANTISTROFE 4.

Em vão Vitilio as legiões movendo,
Em vão corre Unimano,
A oppôr-se ao heroe tremendo;
Em vão Plaucio, Pompeo, Serviliano;
Que tudo rompe o campeaõ valente:
Qual trovaõ que, rasgando as densas nuvens,
Ignivomo, espantoso,
Desfaz a roda ardente
Que a maõ revolve do tufaõ furioso.

EPODO 4.

Entaõ de Roma austera
A virtude inflexivel
Ao braço Portuguez cedeu vencida,
E da traiçaõ a fera

Em seu lugar alçou o rosto horrivel.
Scipiaõ, com tirar-lhe a heroica vida,
Rouba as glorias ao grande Lusitano:
Que a tanto extremo sobe
A ambiçaõ de vencer em peito humano!

ESTROFE 5.

Ao ver na infame maõ o ferro alçado
Para a morte aleivosa,
Se encheu de pejo honrado
Do graõ Fabricio a sombra generosa.
Trez vezes suspirou, que a morte indinna,
Rasgado o vêo, lhe faz, por entre a nevoa
Da voadora idade,
Ver proxima a ruina
Da indomita Romana liberdade.

ANTISTROFE 5.

Mas que diffrente estrada piza ufano
No graõ campo de Marte
O varaõ Lusitano!
Elle a roubar naõ corre com vil arte
Barbaro louro, que a victoria offende;
Mas detestando o prospero triunfo,
Que indigna, estranha trama,
A' sua espada rende,
Da negra mancha salva a Lusa fama.

EPODO 5.

Oh Lysia gloriosa,
Em teu gremio derrame
Sempre a paz da abundancia o vaso cheio:
Porèm se a guerra infame
Sahir bramando do Tartareo seio
E correr tuas campanhas espantosa,
A florear as Quinas triunfantes
Brotem de teu regaço
Cem heroes a Silveira similhantes.

# ODE XXIII.

A ANTONIO DA SILVEIRA, CAPITÃO E GOVERNADOR DE DIO.

ESTROFE 1.

Para exaltar vaidosa
De Pella o rei triunfante,
Se elevou arrogante
De soberbo esculptor arte famosa.
Vulgar trofeo despreza,
Como vil galardaõ de tanta gloria;
E para sustentar sua memoria,
Forçando a natureza,
Pertende que às estrellas se remonte,
Pelo escopro animado, immenso monte.

ANTISTROFE 1.

Taõ soberbo ardimento,
Que os seculos espanta,
A fronte naõ levanta
Nos reinos do meu vasto pensamento.
Mas na Thebana incùde
Fòrjo as douradas asas com que vôaõ

Meus hymnos immortaes, e a frente crôaõ
Da brilhante virtude;
E se a Antonio colossos naõ levanto,
Vale mais que as estatuas o meu canto.

EPODO 1.

Na rapida carreira
De famosos trofeos, de Marte a gente
De seus Fabios naõ vio a estirpe ingente
Tanto inflãmar-se na sasaõ guerreira,
Como o sangue famoso
Dos Silveiras, no horror da brava guerra,
Se accende generoso,
D'aurea fama cobrindo a Lusa terra

ESTROFE 2.

Em quanto pois fulmina
Heitor da Arabia o seio,
Terror immenso e freio
Aos Rumes sendo na humida campina;
Em quanto o graõ Diogo,
Pelas maõs sanguinosas da vingança,
Da rica Mangalor no gremio lança
Um diluvio de fogo;
D'Antonio aspirem às nadantes aves
Das margens de Hippocrene auras suaves.

ANTISTROFE 2.

Oh qual pavor assombra
De Cambaia a ousadia,
Ao ver, pallida e fria,
Da fulgurante armada a grande sombra !
Jà em seus membros sente,
Em ruinas e mortes desatada,
Cahir terrivel a talhante espada
Do capitaõ ingente ;
Jà rendidas no horrido combate
Em cinzas vê Reinel e vê Surrate.

EPODO 2.

Sobre a fervente arêa
Entre pompas desceu Chaul triunfante,
E d'altas palmas do varaõ prestante
A magestosa fronte ufana arreia :
Seu nome o povo denso
Leva às estrellas cheio de alvoroço ;
Vê o despojo immenso,
E pasma, ao vé-lo, do fatal destroço.

ESTROFE 3.

Mas qual nuvem funesta,
Oh ceos ! vejo engrossar-se,
E pouco a pouco alçar-se
Da barbara Suez na terra infesta ?

Jà de Aquilon furioso
Pelas sonoras asas impellida,
Do graõ Neptuno a sombra presumida,
No reino procelloso,
Quantos deixando vai por onde passa
Vestigios da perfidia e da disgraça?

ANTISTROFE 3.

De Adem ao povo adusto
Naõ vale o beneficio,
Pois o sagrado hospicio
Trocado vê em captiveiro injusto;
Leis e razaõ despreza
Do cruel Solimaõ a furia impìa;
Em vão contra as traições e tyrãnia
Lhe brada a natureza;
Que onde domina indomita cubiça
Os gritos se desprezaõ da justica.

EPODO 3.

Assim na Arabia ensaia
O perfido Baxà o odio e a ira
Que no peito cruel nutre e respira
Contra a flor da riquissima Cambaia:
Qual leaõ que primeiro,
Provando as crueis garras, accommette
O pavido cordeiro,
E logo aos bravos touros arremette.

ESTROFE 4.

Mas jà revolve em torno
Da illustre fortaleza
Bellona, em raiva accesa,
Da horrivel dextra o flagellante adorno.
Mil monstros a seu lado
Por sangue bramaõ : o ar todo se inflãma
Em raios e trovões : a morte chama
Do bronze o som irado :
Entre nuvens de fumo o sol se encerra :
Corre a desolaçaõ o mar e a terra.

ANTISTROFE 4.

Oh quantos sob os lenços
Do fulminado muro,
De sangue em lago impuro,
Nadar se vem janizaros immensos !
Entre o horror lastimoso,
Que a natureza consternada via,
Espectaculo illustre se offrecia
O capitaõ famoso,
Sobre as ruinas fulminando invicto
Quanta furia brotou soberbo o Egypto.

EPODO 4.

Marte, entre as gentilezas
Que faz nas armas o guerreiro Luso

Naõ ousa recordar, triste e confuso,
Da sua prole as inclitas proezas;
Quando Manlio prestante,
De Roma castigando a grande injuria,
No Tarpêo, vigilante,
Do cruel Brenno atterra a horrivel furia.

ESTROFE 5.

Entaõ com negro manto
O pallido semblante
Cobre Meca arrogante,
Banhando as faces de raivoso pranto.
Entaõ um ledo grito
No Oriente se alçou, e em cem lugares
Glorioso povôa os largos ares
De Antonio o nome invicto.
Correu a Aurora, chêa de alegria,
A abrir as portas do triunfante dia.

ANTISTROFE 5.

Mas a taõ largo espaço
De coruscante gloria
Naõ limita a victoria
As palmas com que adorna o illustre braço.
Tu, oh Gôa invencivel,
Em teus campos o viste denodado
Prostrar por terra o turbulento fado
De Acedeçaõ terrivel,

Cuja famosa singular victoria
Inda trôa nos campos da memoria

EPODO 5.

Com desmedido arrojo,
Para o nome exaltar da sua prole,
Erga, oh Silveira, o Tibre immensa mole,
Do fertil Nilo misero despojo;
Que a teus feitos famosos,
A teu valor, constancia, zelo, e brio,
Saõ padrões mais gloriosos
Sofala, Baçaim, Ormûz, e Dio.

# ODE XXIV.

A SUA ALTEZA O CONDE REINANTE DE SCHAUMBOURG LIPPE, MARECHAL GENERAL DOS EXERCITOS DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA.

ESTROFE 1.

Eu naõ sei, misturando as varias cores,
Dar vida c'o pincel a heroe famoso;
Ou com subtîs lavores,
Em bronze erguer-lhe o vulto magestoso,
Fragil escudo contra os fataes dãnos
Do rei voraz dos annos:
Mas no sagrado Pindo
Com destra maõ, de fama eterna, abrindo
Ao vulgo rude incognitos thesouros,
Levo seu nome aos seculos vindouros.

EPODO 1.

Sagrado Tejo, se brilhante crôa
De ricos hymnos teço
A' tua invicta prole os naõ offreco,
Que naõ he do valor sò mãi Lisboa.

Gradivo em toda a parte ama a virtude;
E entre as guerreiras lides,
Oh quantos tem mandado a Scythia rude
A' Aurora a fulminar bravos Alcides!

ANTISTROFE 1.

Tu hes, famoso Lippe, claro rio,
A grande mèta, à qual a ardente roda
Do Dirceo plaustro guio,
Que auriga cercarei triunfante em roda.
Jà d'ouro as redeas bato refulgentes
Aos brutos que impacientes,
D' alva espuma banhando
Os fumosos pescoços, vão voando,
Levando-me a lavrar em tua arêa
Ao forte Bukembourg a palma Elêa.

ESTROFE 2.

Entre as lisonjas do inconstante Marte
França guerreira os campos teus talava,
E irada em toda a parte
Um diluvio de estragos derramava.
Solta vagava a indomita lincença,
Sem que achasse defensa
Na tenra flor da idade
Ou no pranto a formosa honestidade;
E na implacavel maõ da tyrãnia
Vermelha a espada com horror luzia.

EPODO 2.

E tu, de duros ferros carregado,
Aos filhos teus bradavas;
Ora o jugo pesado lhes mostravas,
Ora o campo em ruinas inundado.
E que vezes, olhando a cruel gente,
Temeste em tantas magoas
Dos feros esquadrões a sede ardente
Ver estancar na urna as tuas agoas!

ANTISTROFE 2.

Mas, qual raio veloz, Guilherme vôa
Em teu soccorro: e quanta o genio augusto
Te traz brilhante crôa!
Quanta aos contrarios teus affronta e susto!
Jà os marciaes trovões, rasgando o vento,
De membros cento e cento
Juncaõ a verde terra:
Entre nuvens de fumo brama a guerra;
E de sangue infeliz 'num feio lago
Ufano se revolve o bruto estrago.

ESTROFE 3.

Tu, oh Minden feliz, cheia de gloria
Em torno viste de seu braço invicto,
Entre o horror do conflicto,
Voar serena a prospera victoria.

Ao rijo som do golpe penetrante,
Descorado o semblante
Tremeu Pariz soberba:
E tu, Sena gentil, na magoa acerba,
Trocado o louro em funebre cypreste
A' fria gruta pavido correste.

EPODO 3.

Mas jà a altiva Iberia no seu seio
Nova de louros messe
De Lippe ao campiaõ ousado offrece,
Que de gloria a segà-la parte cheio.
Jà assoberba, jà se despovôa:
Jà sobre a Lusa terra
Feroz se lança, e insana lhe apregôa
Primeiro o captiveiro do que a guerra.

ANTISTROFE 3.

Elysia, diz; Elysia combatida
Do sulfureo vapor, que alçando a fronte
Quasi a tem submergida
De frias cinzas 'num confuso monte:
Elysia salteada cruelmente
Da traiçaõ insolente,
A' vista inopinada
Da minha hoste infinita, onde assustada
Os Manueis acharà, onde os Menezes,
Que seu escudo foraõ tantas vezes?

ESTROFE 4.

Esperarà talvez que fausta estrella
Do reino triste da implacavel morte
Conduza a defendé-la
Albuquerque terrivel, Castro forte ?
Que do Tejo entre as ondas cristallinas
Venha a vibrar ruinas
Do graõ Pacheco a sombra ?
Que o Conde sem igual que o mundo assombra,
Da paz nas aureas artes empregado,
A defendé-la saia em campo armado ?

EPODO 4.

Assim triunfante Iberia se acclamava :
E em tanto o heroe sobrano,
De trofeos rodeado, do Oceano
A immensa espalda intrepido pisava.
Lusitania fiel, que 'nalta mente
Revolve a avìta gloria,
A arrostà-la jà parte, e frente a frente,
Das mãos lhe rouba a crôa da victoria.

ANTISTROFE 4.

Tu, pequeno Maçaõ, foste a barreira
Onde confuso, com eterna injuria,
Da arrogante carreira
O Hispanico leaõ quebrou a furia.

Ruge raivoso em vão, que em toda a parte
Este emulo de Marte
Lhe doma a feroz ira:
Jà do terror nas asas se retira;
E levando na fronte impresso o pejo,
Lhe pinta o susto em cada passo o Tejo.

ESTROFE 5.

Entre os receios que o temor revolve
Do longevo Catai na sabia mente,
A lavrar se resolve
O grande dique à Tartara corrente.
Jà o valle a insultar o erguido monte
Ufano eleva a fronte;
Inundaõ a campanha
Soberbas torres de estatura estranha;
E à vasta sombra, que a muralha lança,
Sem susto a China, mas em vão, descança.

EPODO 5.

Industrioso Catai, se aureo destino
Aos campos teus descera,
E a teu immenso sceptro concedera
Um heroe, qual a Lysia deu beninno,
A' fabrica arrogante do alto muro
O teu suor negaras,
E à sombra do seu braço, mais seguro,
De Astrêa no regaço respousaras.

ANTISTROFE 5.

Mas de enrolar he tempo as prenhes velas
Ao pinho voador : que o golfo ufano
Arar das acções bellas,
He contar as arêas do Oceano.
Vos Dulmen, Fulda, e Embds, que victorioso
Vistes o heroe famoso
Correr vossas campanhas,
Vòs direis de seu braço as mais façanhas :
E tu, Munster, que os altos baluartes
Humilhaste de Lippe aos estandartes.

# ODE XXV.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR SEBASTIÃO JOSE DE CARVALHO E MELLO, MARQUEZ DE POMBAL, MINISTRO E SECRETARIO DE ESTADO.

ESTROFE 1.

Musas, vos que no candido regaço
Pelas selvas da Arcadia me creastes,
E o glorioso braço
Da inveja contra o monstro entaõ me armastes
Da cithara divina
Do graõ Cysne Thebano,
E a segui-lo entre os astros me ensinastes;
Hoje das flores, que produz ufano
O sacro humor de Dirce cristallina,
A tecer me ajudae eterna crôa
A' fronte insigne da immortal Lisboa.

ANTISTROFE 1.

Nunca a pensar chegou na feroz mente
Dos seculos o indomito tirãno,
Quando o Grego prudente

Em fragil lenho as vagas do Oceano
De soantes procellas
Arava combatido,
Entregue à raiva de Neptuno insano,
Que o tridente domando, enfurecido,
Havia levantar tè às estrellas
A rainha do Tejo, a gran cidade,
Emula singular da eternidade.

EPODO 1.

Que um tempo do seu gremio sahiria
A subjugar-lhe a furia
Clara estirpe de heroes que, triunfando
Da dura lei da morte,
Dos èvos com injuria,
D' aurea fama coberta e d'alta gloria,
Eterno o grande nome escreveria
Nos porfidos brilhantes da memorìa.

ESTROFE 2.

Que o grande Gil, qual leaõ faminto e irado,
A romper voaria do seu seio
Nos campos do Salado
O Agareno infiel de espanto cheio.
Que o famoso Duarte,
Deixando em suas praias
Pizado Adamastor soberbo e feio,
Sobre as terriveis Lusitanas faias

Vibrando os raios do cruento Marte,
A cobrir passaria o mar da China
Com as sombras da morte e da ruina.

ANTISTROFE 2.

Que Alvaro invicto, soppesando a lança,
Nas barbaras campanhas de Ampelusa
De gentil esperança . . . .
Mas onde arrojas, oh soberba Musa,
Meus bravos corredores?
Se de espantosa fama
Queres a mãi cobrir da gente Lusa,
De Pombal na alta estirpe naõ derrama
O graõ Marquez taõ claros resplendores,
Que talvez por empresas menos bellas
Brilhe de Acrisio a prole entre as estrellas?

EPODO 2.

Sem duvida, naõ foi menos terrivel
A fera sanguinosa,
Que bramindo a seus pès prostrou triunfante.
Tu, Lusitania, o dize;
Tu que um tempo medrosa,
E gemendo no horror da infausta sorte,
Em teu regaço viste o monstro horrivel
Cevar-se de traições, roubos, e morte.

ESTROFE 3.

Mostrou menos valor quando violentos
A Lisboa movéraõ crua guerra
Os feros elementos?
Quebrado o eixo, submergir-se a terra
No chàos parecia:
O Tejo consternado,
Esqualido, confuso, vaga e erra;
E por cegas voragens despenhado,
Sem nome, gloria e fama, jà temia
Entrar nos vastos reinos do Oceano,
A quem dantes tremer fizera ufano.

ANTISTROFE 3.

Entaõ chêa de horror, banhada em pranto,
A triste patria o vio, constante e forte,
Arrostar sem espanto
A grande ira dos fados e da morte;
Voar a soccorrella;
Da lança fulminante
O braço desarmar da irada sorte;
E no geral terror, firme o semblante,
Antecipar aos dãnos a cautella:
Qual Olympo que, a fronte em paz alçando,
A seus pès vê o raio rebramando.

EPODO 3.

Mas entre as trevas da estaçaõ funesta
Quem, oh lyra, te guia?
Voltemos pois a prôa fulgurante
Aos dias de bonança,
De paz e de alegria,
Que nas pennas jà traz o sol dourado:
De novas velas e ancoras te apresta,
Que o golfaõ he soberbo e dilatado.

ESTROFE 4.

Nas aureas asas da brilhante gloria,
Voar por cem estradas pressuroso
Ao cume da memoria
Com assombro veràs o heroe famoso:
Aqui rompendo ousado
A barbara barreira,
Que alçou com torpe mão ocio affrontoso,
A industria faz entrar no Luso Estado;
Correr seus campos, desterrar ligeira,
De immensas uteis artes rodeada,
A inercia da preguiça acompanhada.

ANTISTROFE 4.

Alli com seu auspicio a rica fronte
O prospero commercio levantando,

Da abundancia a aurea fonte
De Lysia està no seio derramando.
Os campos do Oceano,
Que em vão escuma e freme,
Correm as sacras Quinas tremolando.
Das grandes quilhas com o peso geme
A verde espalda do feroz tyrãno;
Tè de riqueza abrirem carregadas
Do Tejo alegre as ondas prateadas.

EPODO 4.

D'entre as ruinas là se ergue triunfante
Elysia desolada,
Que do real semblante contemplando
A nova formosura,
Esquece alvoroçada
Dos destinos crueis o grande insulto;
E dos annos a fouce devorante
Assoberbando està com torvo vulto.

ESTROFE 5.

Ao vé-la em suas cinzas sepultada,
Dizia o tempo na vaidosa mente:
Que mão serà ousada,
Oh Lisboa, a te erguer do estrago ingente?

Serà o grande Gama,
Que poude, audaz e fero,
Romper as portas do cerrado Oriente?
Serà Silva, terror do bravo Ibero?
Saldanha, ou outros que decanta a fama?
E o graõ Carvalho, em quanto assim fallava,
Das ruinas mais bella a levantava.

ANTISTROFE 5.

Mas novo assombro aos olhos meus se offrece!
Jà sobre ti da Olympica morada,
Claro Mondego, desce
Minerva de seus genios rodeada:
Rasgando a densa treva,
Que alçou em teu regaço
Torpe ambiçaõ de falso zelo armada,
A' sombra illustre do possante braço
A's castas Musas aureo templo eleva;
Templo immortal que tanta luz derrama,
Que de Athenas eclipsa a grande fama.

EPODO 5.

E que campo naõ abre scintillante
Em seu imperio Astrêa
Ao sonoro esquadraõ de Dirceos hymnos?

Brama a cruel violencia
Brama a cubiça fêa.
Mas, oh celeste Musa, o pano ferra,
Que das raras acções do heroe prestante
He o mar infinito: à terra; à terra.

# ODE XXVI.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR SEBASTIÃO JOSE DE CARVALHO E MELLO, MINISTRO E SECRETARIO DE ESTADO DOS NEGOCIOS DO REINO, CREANDO-O SUA MAGESTADE GRANDE DE PORTUGAL, CONDE DE OEIRAS.

ESTROFE 1.

Se do eburneo instrumento
As aureas cordas firo:
Se abrindo as brancas plumas cruzo o vento,
E em remontado giro,
A' esphera scintilante
Guio das Musas o esquadraõ brilhante;
Naõ busco a pompa de uma vãa grandeza;
Naõ soberba riqueza:
Seus fal os resplendores
Do Parnaso idolàtre a plebe rude;
Que os sublimes louvores,
Que a sacra Clio inspira,
Na, que eterno me faz, Tagica lyra,
Saõ tributo de solida virtude.

### EPODO 1.

Trofeo eterno de sonoros hymnos
Ao famoso Carvalho
Hoje na Arcadia tece
A deidade de Cyrrha ignipotente.
Ella me illustra a mente
Com seus raios divinos;
E do Ismeno espalhando o santo orvalho,
Em meus versos lhe offrece,
Naõ de prata, nem d'ouro,
Mas de fama immortal rico thesouro.

### ANTISTROFE 1.

Em vão ao grande empenho
O Nume naõ me inflãma:
Sobre as margens do Alpheo cem carros tenho,
A levar sua fama
Pelas patrias dos ventos,
A um sò aceno meu promptos e attentos.
Naõ he, naõ, Thebas sò de Clario amada.
Brame, morda-se irada
A inveja venenosa,
Que eu dos hombros pendente ufano trago
Aljava harmoniosa,
Da qual as settas tiro,
Que contra os monstros seus triunfante atiro;
E oh quanto nelles faço horrendo estrago!

ESTROFE 2.

Ao throno da grandeza
Nem sempre a mesma estrada
Abre o tempo veloz: um à riqueza,
Outro à brilhante espada
De seus progenitores,
D'astro benigno a deve outro aos favores.
Mas o grande varaõ a quem, vaidoso,
Do Lethes preguiçoso
Sobre a turva corrente,
Alço de fama aos ceos torre arrogante,
O resplendor ingente
Da egregia dignidade
Sò o deve a si mesmo, à immensidade
De virtudes que o segue vigilante.

EPODO 2.

Assim Bethune, e Alcáçova afamado,
A quem, santa verdade,
As maximas dictaste,
Da fama no sagrado templo entràraõ.
Assim se eternisàraõ:
Assim, Senhor, guiado
Pelos raios da sãa fidelidade,
Tanto vos remontaste,
Que attonita a grandeza
Grande jà vos achou por natureza.

ANTISTROFE 2.

Voando a fantasia
Pela passada idade,
Da illustre estirpe memorar podia,
Oh quanta immensidade!
Por feitos portentosos,
Que longa serie de varões famosos!
Tantos a, que primeiro os mares largos
Cortou, immortal Argos,
Do Phasis à corrente
A cingir naõ levou eterno louro,
Quantos à nobre gente
Heroes deu a victoria:
Mas naõ prèza alma grande alhêa gloria;
Sò das proprias virtudes faz thesouro.

ESTROFE 3.

O herdado luzimento
Jacte dos seus maiores
Quem naõ conhece o são merecimento.
Mais claros resplendores
Com nosco o ceo reparte,
Em que a cega fortuna naõ tem parte:
Valor, prudencia, fè, zelo, e constancia;
E a grande vigilancia,
Com que a profunda mente,
Sondando o escuro pègo dos arcanos,

Previne diligente
Dos ventos a mudança.
E nòs, rasgando as vagas com bonança,
Vemos o porto ao fuzilar dos dãnos.

EPODO 3.

Talvez, suspensas, no futuro as gentes
Neguem fè a meu hymno;
Porque o vulgo profano
Faz de Aganippe o sumptuoso erario
Aos vicios tributario.
Vos porèm, oh correntes
Do Tamisa, e Danubio cristallino,
Qu'eu d'um brilhante engano
Naõ esmalto a verdade
Testemunhas sereis em toda a idade.

ANTISTROFE 3.

Sim, vos que extasiadas,
O curso refreando,
Cheio o vistes de gloria, praticando
As virtudes sagradas;
Vòs direis o desvelo
Com que activo empregava o ardente zelo
Em apertar os laços da concordia,
Opprimir a discordia;
E jà entaõ cercado
Das sombras das magnificas emprezas,

Com sublime cuidado,
Lançar na fantasia
Das novas leis da nova monarchia
O fundamento às solidas grandezas.

ESTROFE 4.

Dos apartados montes
Nas concavas entranhas,
Por entre chispas, suaõ negros Brontes;
Aballaõ-se as montanhas
Ao terrivel compasso
Dos pesados martellos: Marte o braço,
Respirando rancor, sangue, e ruinas,
Nas feras officinas
Guarnece horrendamente
De cortadora fuzilante espada.
Mas que aspecto diffrente
Brilha na Lusa terra!
Contra o bravo furor da accesa guerra
Com as asas a cobre a paz dourada.

EPODO 4.

Arando os verdes campos do Oceano,
Largo imperio dos ventos,
De pomposas riquezas
Surgem prenhes no Tejo as quilhas Lusas;
E das celestes Musas
O coro soberano,

Novos formando divinaes accentos,
Canta heroicas emprezas,
Abre dos santos hymnos
O alcàçar aos varões da fama dinnos.

ANTISTROFE 4.

Minerva, que assustada
Da ambiçaõ vil fugia,
Brilha no antigo throno collocada:
E Elysia, que jazia
Triste esqueleto enorme
N'um horrivel de estragos monte informe,
A's estrellas levanta a fronte augusta;
E vencedora assusta
Ao tempo, que raivoso
As asas bate em vão para a vingança:
Pois ao ver-lhe, furioso,
A nobre fortaleza
N'uma alta rocha, cheio de braveza,
Quebrada a fouce pelos ares lança.

ESTROFE 5.

Mas eis vibro animoso
De sonoro instrumento
Setta que ao monstro prostre duvidoso.
Do seu merecimento
Que prova mais formosa
Que a crôa que hoje cinge radiosa?

Naõ sabe premiar o rei benigno
A quem do premio digno
Astrêa naõ aponta.
Exemplo da disgraça o povo rude
Sempre a virtude conta:
Mas o ceo soberano
Da vãa fama, que aterra o feio engano,
Quanto exaltada em vòs mostra a virtude!

EPODO 5.

Soltem outros, cortando o mar acceso,
Ao Noto as curvas velas,
Por colher no Oriente
As que em ti, oh Aynaõ, a roxa aurora
Ricas lagrimas chora;
Que eu em Argiva prôa, de Permeso
Sulcando as ondas bellas,
Levarei felizmente
Vossos grandes louvores
Por onde espalha o sol seus resplendores.

ANTISTROFE 5.

Mas qual inculta terra
O salobre Oceano
Entre seus cristallinos braços cerra,
Onde naõ vôe ufano
Seu nome portentoso?
Onde impresso naõ brilhe o luminoso

Benefico explendor do genio augusto?
Dize-o tu, Cuama adusto;
Diga-o de gloria cheio
O Parà que, nas prosperas arêas,
Vê repousar no seio
Da amavel liberdade
De agreste povo oh quanta immensidade,
Solto o collo das barbaras cadêas!

ESTROFE 6.

Quanto à famosa gente
Deves, oh Lusa terra,
De Mazagaõ o diga o campo ardente.
Para a funesta guerra
Tanto que o clarim sôa,
De Ampelusa o paiz se despovôa.
Arma! arma! brada o povo accelerado:
Larga o cultor o arado;
E, acceso em ira brava,
Deixa o esposo a barbara consorte.
O campo se inundava
De cerradas fileiras;
E diante das horridas bandeiras
Brandindo a fouce vinha a crua morte.

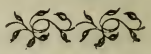
EPODO 6.

Mas tu, Alvaro insigne, novo alento
Cobrando generoso,

Na perigosa guerra,
As implacaveis furias lhe rebates
Em cem e cem combates.
Tal, nos quicios tremendo, o firmamento
Naõ vio a Jove iroso,
Sobre os filhos da terra,
Entre mortaes desmaios,
Brandindo a dextra, fulminando os raios.

ANTISTROFE 6.

Atè que escarmentado
Nos horrorosos dãnos
Diz o Xarife aos seus desesperado:
Valentes Mauritanos,
As brenhas procuremos,
E feroces leões naõ irritemos.
As nossas iras, estes fortes muros,
Faz que insultem seguros
O capitão terrivel.
Do sangue de Carvalho ao nobre alento
Que haverà impossivel?
E no tempo futuro,
Quanto por seus heroes, quanto te auguro,
Illustre Portugal, famoso augmento?



# ODE XXVII.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR MARQUES DE POMBAL, SOBRE A FUNDAÇAÕ DA NOVA VILLA DE S. ANTONIO DE ARENILHA.

ESTROFE 1.

Lyra, que ha longo tempo pendurada
Em ocio vil repousas,
As asas abre, e pela ardente estrada,
Por onde voar ousas,
Este leva meu novo immortal hymno:
O Nume que me inflãma,
O faz de eterna fama,
O faz da grande acçaõ que exaltas, dinno,

ANTISTROFE 1.

Naõ fique inculta terra, ou seja onde
Phlegonte luminoso
De seu curso a metade avaro esconde;
Ou onde furioso
Vibrando immensa luz naõ dobra a sombra;

Que teu som naõ suspenda,
Que o nome naõ aprenda
Do insigne heroe que acclamo, e o mundo as-
[sombra.

EPODO 1.

Da voluvel fortuna a ligeireza
Das cousas sobre a terra alterna a sorte;
Tal ao cume sublima da grandeza,
Tal abate, ou do horror cobre da morte:
Desta verdade a mais brilhante prova
Entre os homens meu hymno hoje renova.

ESTROFE 2.

Tempo foi que em real throno sentada
Do Egêo o sceptro augusto
Empunhava Dardania celebrada:
Cobrindo o mar de susto,
Dos bravos ventos nas ligeiras pennas,
Suas galès possantes
Voavaõ triunfantes
Tè às portas de Esparta e de Mycenas.

ANTISTROFE 2.

Mas a roda voltando o Fado iroso,
Depois que a bella Helena
D' Ida o regio pastor rouba aleivoso
(Que a culpa segue a pena)

O fasto imperioso, o luzimento,
Com que ufana se laçava,
E a cem povos mandava,
Em fumo vio desfeitos 'num momento.

EPODO 2.

De Aulide cem baixeis, talhando os mares,
Partem a castigar a grande injuria:
Fusila a Inachia flãmula nos ares;
Treme o mar, treme a terra à sua furia;
E o Xantho, que o rumor de longe escuta,
Corre a embrenhar-se na profunda gruta.

ESTROFE 3.

Em vão o bravo Heitor em campo armado,
Terçando a mortal lança,
De Priamo sustenta consternado
A cadente esperança:
Que o filho de Pelêo, raio da guerra,
Desfeito em cruel ira,
A forte alma lhe tira,
E morto o arrasta pela dura terra.

ANTISTROFE 3.

Entaõ cahe Ilion, e o rei captivo
Acaba cruelmente:
Desprezo e mofa do cothurno Argivo
Foi de Ilio entaõ a gente:

Da arrogante cidade e sua gloria,
Que enchia Asia de espanto,
(D' horror objecto e pranto)
Naõ fica mais que os campos, que a memoria,

EPODO 3.

Comtigo de outra sorte os ceos propícios
Hoje procedem, villa venturosa:
A fronte de soberbos edificios,
A's estrellas, croada, ergues vaidosa:
E ha pouco que, vil campo e desprezada,
Do pobre pescador eras morada.

ESTROFE 4.

Mas que naõ pode, d'um graõ rei ao lado,
Espirito excellente,
Que ama a virtude, e da virtude amado,
Qual sol brilha luzente?
Que da patria no amor, no amor da gloria,
Vivamente se accende?
Que eterno abrir pertende
O graõ nome nos bronzes da memoria!

ANTISTROFE 4.

Canta em Permeso a Grecia lisongeira,
Que de Amphiaõ a lyra
Do cristallino Asopo na ribeira
A Thebas erigira:

Que se viaõ correr penhascos duros
Ao som de suas vozes,
E levantar velozes
A forte base aos Echionios muros.

EPODO 4.

Assim de Cadmo o povo lisongêa
Da cara patria a origem, fabuloso.
Mas ver sem tempo, d'entre solta arêa,
Brotar às vozes do varaõ famoso
Soberbas cazas, ruas, e terreiros,
Iguaes prodigios saõ, saõ verdadeiros.

ESTROFE 5.

Com que assombro veraõ as curvas velas,
Sobre a campina undosa,
Altas torres erguer tè às estrellas
A fronte temerosa!
Veraõ os fortes muros, d'onde armado
O cruel genio da guerra
Assombra mar e terra,
Por cem grossos canhões troando irado.

ANTISTROFE 5.

E qual em tuas mergens, Tejo brando,
Cysne haverà famoso,
Que as heroicas empresas contemplando
Do varaõ portentoso,

A's estrellas o vôo naõ levante?
Que em mil giros velozes
Soltando as doces vozes,
De Carvalho o graõ nome naõ descante?

EPODO 5.

Eu certamente naõ, que ousado intento
Da Lusa estirpe a scintillante fama
Arrancar d'entre as mãos do esquecimento.
Nem Phebo à grande empresa em vão me chama.
Eu cantando no Ismeno as acções bellas,
As farei mais brilhantes que as estrellas.

# ODE XXVIII.

## A' INAUGURAÇAÕ DA ESTATUA EQUESTRE DO SENHOR REI D. JOSE I.

---

Barbara Pyramidum sileat miracula Memphis,
Unum pro cunctis fama loquatur opus.
*Mart. de Spectac. Epig. I.*

---

### ESTROFE 1.

Oh rainha dos mares,
Do Luso imperio gloria, alta Lisboa !
Que espantoso rumor, rompendo os ares,
Em teu regaço vôa ?
De cem grossos canhões ferido o vento,
Irado freme e trôa :
Os montes de seu centro, os fundos valles,
Respondem ferozmente ao bravo accento
Das caixas, das trombetas, dos timbales.
Brilhaõ armadas marciaes fileiras ;
E as invenciveis Quinas
Soltas fusilaõ nas reaes bandeiras,
Quaes cometas presagos de ruinas.

ANTISTROFE 1.

Talvez a mortal guerra,
Os cruentos cavallos açoutando,
De mil furias cercada feroz erra,
Teus campos assolando?
Naõ; que a divina paz, a paz dourada,
No seio alimentando
O commercio, a abundancia, a sãa justiça,
Nelles firmado tem sua morada.
Naõ saõ pois da discordia, e da cubiça,
Estes que sôaõ eccos bellicosos;
Saõ vozes de alegria,
Com que do Tejo os cidadãos ditosos,
Aos astros levaõ taõ brilhante dia.

EPODO 1.

Da fortuna entre os faustos resplendores,
A prole de Quirino
Jà erguer se via genio peregrino
Da fama sobre os leves corredores.
De cem partes se alçava,
E, os marmores e bronzes animando,
Seu nome eternisava.
Assim dos sette montes, fulminando
Do torpe esquecimento o monstro horrivel,
Aos ceos subiu de Julio o braço invicto,
Assim de Marco a gloria, assim de Tito.

ESTROFE 2.

Taõ generosa empresa,
Oh nòs de Luso venturosa gente,
Do triunfante Tejo a gran princesa
Renova felizmente.
Ao grande augusto Rei, de reis exemplo,
Levanta reverente,
Hoje em seu seio respirando a gloria,
(Pois que erguer lhe naõ pode altar e templo,)
Em rutilante bronze alta memoria;
Mole immensa, que vê de espanto chêa
Do Egêo a gentil filha, *
Bem que ao sol consagrasse em sua arêa,
Do orbe, o graõ colosso, maravilha.

ANTISTROFE 2.

Estende pois, oh Musa,
As asas immortaes, e ao Pindo vôa:
Alli à fronte da cidade Lusa
Teçamos nova crôa.
De aureas settas a eburnea aljava enchamos,
Com que a real Lisboa,
Quaes de Dirce o frecheiro scintillante,

---

* Rhodes. Allusaõ ao que desta ilha diz Pindaro na Ode 7 das Olympiacas na Antist. e Epod. 4.

βλάϛε μὲν ἐξ ἀλλὸς ὑγϱᾶς νᾶσϖ.

Ferindo, de serena luz cubramos,
Que, da inveja a pezar, arda brilhante.
Vejo, ou deliro! ah naõ! eu vejo, eu vejo
Meus versos sonorosos
Brilhar suspensos sobre o patrio Tejo,
Quaes na alta noite os astros luminosos.

EPODO 2.

Quando o tempo raivoso contemplava,
Dentro na torva mente,
As empresas do Principe excellente,
Com seu atroz desejo assim fallava:
Que importa que levante
Elysia mais soberba o Rei famoso?
Que novas villas plante?
Que de alto monte cinja, glorioso,
De fortes muros a vaidosa fronte,
Contra os quaes prove em vaõ o brio e a arte,
Bramando acceso o fulminante Marte?

ESTROFE 3.

Que de Neptuno undoso,
Sobre os hombros do ventos inconstantes,
Faça o reino correr tempestuoso
A cem baixeis possantes?
Que à hydra da ambiçaõ decepe ufano
As testas pullulantes?
Que promulgue altas leis? que de mil partes,

Para gloria do nome Lusitano,
A industria chame, chame as bellas artes?
Que outras grandes acções, que o mundo accla-
Sem descançar obrando, [ma,
Os clarins estalar faça da fama,
Por cem climas seu nome apregoando?

ANTISTROFE 3.

Se tudo abate e doma
De meu pesado braço a horrenda furia!
Eu sou quem as caudaes aguias de Roma
Cobrio de eterna injuria,
Quando do Arcturo conduzi gelado,
Sobre a triunfante Curia,
Entre os genios crueis da brava guerra,
Alarico feroz da morte armado,
Que o Latino valor prostrou por terra.
Eu quem, batendo sem cessar as pennas,
Deu a morte a Carthago;
Quem de Esparta guerreira, quem de Athenas,
Deixou, sò para exemplo, o immenso estrago.

EPODO 3.

Thebas, a de cem portas, e a senhora,
A rainha do Eufrates,
Onde estaõ? ah! cedeu tudo aos combates
Desta, que empunho, fouce tragadora.
Eu pois no esquecimento

De Josè lançarei o grande nome.
De meu furor violento,
Que dos reinos a fama atè consome,
Usar naõ necessito: os feros annos
Chamarei, que, de espesso horror armados,
Apagaraõ seus feitos sublimados.

ESTROFE 4.

Assim o velho insano,
Que furor, e que estragos sò respira,
No ferreo coraçaõ cevava ufano
A inexoravel ira.
Mas hoje, que a triunfar da alta memoria
Debalde vê que aspira,
Eterna no perenne monumento
Alçada vendo de Josè a gloria,
A soberba perdeu, perdeu o alento;
As asas bate, e de temor cortado,
A triste catadura
Corre, vôa a esconder envergonhado,
Na, que cerra o futuro, nevoa escura.

ANTISTROFE 4.

Oh como a Lusa prole,
Cheia de assombro, na futura idade,
Do real vulto verà na egregia mole
Brilhar a Magestade!
Viraõ, ah! sim, viraõ de toda a parte,

Oh inclita cidade,
Os povos, pela fama arrebatados,
O graõ colosso a ver, prodigio d' arte:
E em torno à forte base derramados,
Diraõ, a augusta effigie contemplando:
Foi este o forte, o justo,
José da patria pai, que a patria alçando,
Deu pasmo a naturaes, a estranhos susto.

EPODO 4.

Entaõ as leves asas despregando
A' veloz fantasia,
Uns aos outros, banhados de alegria,
Seus feitos immortaes iraõ traçando.
Diraõ como, as pizadas
Da justiça e da paz sempre imprimindo
Nas brilhantes estradas,
Ao escabroso cume foi subindo,
Onde scintilla da memoria o templo:
Como, do fado abrindo o graõ thesouro,
A' bella Elysia trouxe a idade d' ouro

ESTROFE 5.

Os marmores ufanos
Alli veraõ c'o busto magestoso
Do varaõ grande, dos reaes arcanos
Interprete zeloso.
Oh! de que aureas acções que longa têa

Seu braço portentoso
Urdindo vai! que rica! que brilhante!
Eu do Ismeno erguerei na solta arêa
Em seu louvor columnas cem: triunfante . . .
Mas, oh lyra, em que mar sòltas o pano?
Se aura do Pindo forte
Te move a desejar vasto Oceano,
Prosegue de teu rumo o fixo norte.

ANTISTROFE 5.

Talvez do Rei augusto
Na sabia idea vãa se represente
A, que o tempo voraz enche de susto,
Formosa estatua ingente.
Rica pompa de marmore lustroso,
Bronze resplendecente,
Que os olhos, respirando,* prende e encanta,
Naõ brilha, naõ attrahe a quem glorioso
Nas virtudes maior trofeo levanta.
Mas se, ao que pulso Argivo plectro ufano,
Feliz destino dera
A os pès chegar do throno soberano,
Soltando a voz canora, assim dicera:

---

* Excudent alii spirantia mollius æra.

*Virg.* 6 *Æneid. v.* 847.

Stabunt et Parii lapides, spirantia signa,
Assaraci proles, &c.

*Id. Georg.* 3, *v.* 34.

EPODO 5.

Este, que eleva, excelso monumento,
Elysia em honra vossa,
Bem que as virtudes igualar naõ possa,
Que saõ de vosso solio o fundamento;
Vos, Principe prestante,
Deveis olhà-lo com sereno aspecto,
Como padraõ constante
Da fè, da gratidaõ, do terno affecto
De um povo a quem amais, que vos adora;
Como esplendor de vossa alta Lisboa,
Joia immortal da Lusitana crôa.

# ODE XXIX.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR MARQUEZ DE POMBAL, REFORMANDO A UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

ESTROFE 1.

Bella Nympha do Ilisso, alta princeza
Da populosa Grecia, insigne Athenas,
Da passada grandeza
Em vão batendo as orgulhosas pennas
A's nuvens te remontas,
Inda que os Numes entre si se armassem,
E de exaltar-te a honra disputassem.

ANTISTROFE 1.

Sei de quanto esplendor a fronte augusta
De Minerva te ornou o illustre braço:
Sei que Nemesis justa
Firmou o aureo solio em teu regaço;
Que nelle da justiça
As primeiras faiscas scintillàraõ,
Que no Lacio depois tanto brilhàraõ.

EPODO 1.

Sei que no eterno alcàçar memoria
Indelevel gravàraõ
Socrates e Zenon a tua gloria;
E Solon que prudente as leis modera,
Que de sangue mão avida escrevera.

ESTROFE 2.

Sei que teu nome à eternidade vôa:
Mas nem por isso esperes arrogante
Roubar a immortal crôa,
Que na fronte hoje cinge triunfante
A famosa Coimbra;
Pois de Pombal a clara e fausta estrella
Com seus raios a cobre e faz mais bella

ANTISTROFE 2.

Ja em seu seio a suspirada Astrêa,
Rasgando o negro veo com que a cubria
A ignorancia fêa,
Aos braços da policia os mortaes guia.
Brilha a tremenda espada:
E ao vé-la, sem asilo, consternados,
Cahem os vicios por terra derribados.

EPODO 2.

Nas mãos da religiaõ scintilla pura
Da Fè a immortal tocha:
Jà com robusto pè calca segura,
Inda banhado em sangue, o fanatismo,
Aborto horrendo do execrando abysmo.

ESTROFE 3.

A sãa philosofia, que atè agora
Sò e sem culto esqualida jazia,
Vê rôxear a aurora
De seu imperio, chêa de alegria.
De raios e de flores
Cercado, o gentil rosto ergue vaidosa,
Do erro e preoccupaçaõ victoriosa.

ANTISTROFE 3.

Alli oh quanta offrece alta riqueza,
Abrindo seu thesouro magestoso,
A fertil natureza!
Jà do Lyceo o jugo vergonhoso
Impavida quebrando,
Entrega de seus reinos a opulencia
Nas destras mãos da solida expriencia.

EPODO 3.

Alli, d'arte subtil a alma guiada,
Jà piza sem receio
Da formosa verdade a occulta estrada;
Estrada que fechàraõ com destreza
Negros monstros de sordida avareza.

ESTROFE 4.

Rompendo dos sentidos a barreira,
O vôo por immenso espaço estende,
E na veloz carreira
Sua existencia a conhecer aprende.
Entaõ, rasgando as nuvens,
A contemplar se arroja a Divindade,
Dentro ao sagrado horror da eternidade.

ANTISTROFE 4.

Là no Supremo Bem toda elevada,
A olhar aprende, impavido o semblante,
Do fado a mão irada:
Com freio a subjugar de diamante
As paixões procellosas,
Que das innatas leis em vituperio
Costumaõ destruir seu grande imperio.

EPODO 4.

Là vê como, seguindo denodados
Os passos da virtude,
Seraõ eternamente celebrados
Phocion o sabio, Aristides o justo,
Alvo innocente do ostracismo injusto.

ESTROFE 5.

Alli do ceo, da terra o immenso espaço
A bella Urania a dividir ensina
C'o immortal compasso:
Urania, que a Elysia deu benigna
O real famoso Henrique,
O grande Nunes, o espantoso Gama,
Heroe inda maior que a sua fama.

ANTISTROFE 5.

Com seu favor soltando as brancas velas,
O varaõ grande ao bravo mar se entrega:
Novo hemisferio e estrellas,
Nova gente vai vendo, atè que chega
Da aurora às roxas portas,
Sem temer no caminho dilatado
O rosto horrendo de Neptuno irado.

EPODO 5.

Ao estranho rumor das curvas quilhas,
Fòra d' agua as cabeças
Curiosas de Nereo lançaõ as filhas:
O Luso vem, e pasmaõ do ardimento
Com que piza o inhospito elemento.

ESTROFE 6.

Entaõ por longo tempo o Tejo ufano
Fez de seus lenhos acurvar c'o peso
Os hombros do Oceano;
Entaõ Neptuno vio, em raiva acceso,
Por todos os seus reinos
Nos ares fusilar as sacras Quinas,
Quaes cometas presagos de ruinas.

ANTISTROFE 6.

Mas onde, oh lyra, corres costumada
A vencer de um sò vôo immenso espaço?
D'alto Nume inflãmada
De Thetis deixa o liquido regaço;
E as sonorosas asas
Da patria ao novo heroe rapida volta,
E do Ismeno sobre elle o orvalho sòlta.

### EPODO 6.

Vibrar em campo ao lado da victoria
O estrago, o horror e a morte,
He d'alma generosa timbre e gloria:
Mas na paz illustrar o povo rude
O brasaõ he maior d' alta virtude.

### ESTROFE 7.

No cahos da ignorancia sepultado
Sem leis viveu um tempo, sem cultura,
O Egypto abalisado;
Mas Ceres, dissipando a nevoa escura,
A policia lhe inspira,
E o Nilo obsequioso em cem lugares
Estatuas lhe lavrou, ergueu-lhe altares.

### ANTISTROFE 7.

Famoso heroe; se Elysia, que ditosa
Das frias cinzas a soberba fronte
Aos ceos ergue vaidosa,
Vê raiar por teu zelo no horisonte
Da sciencia a luz brilhante,
E grata mão lavrar teus feitos claros
Em duro bronze, em marmores de Paros;

EPODO 7.

O genio que me inspira o sacro alento,
Com que triunfante domo
A torpe inveja, o negro esquecimento,
Em meus hymnos, cercado de altos louros,
Te levarà aos seculos vindouros.

# ODE XXX.

A SUA MAGESTADE FIDELLISSIMA O SENHOR REI D. JOSE I, POR OCCASIÃÕ DO ATTENTADO COMMETTIDO NA NOITE DE 3 DE SETEMBRO DE 1759.

## ESTROFE 1.

FINALMENTE (que horror !) as mãos mordendo,
Cahio desesperado
No campo, de seu sangue vil banhado,
Da execranda traiçaõ o monstro horrendo.
Nas aras sacrosantas
De Nemesis severa,
Decepadas as horridas gargantas,
Rendeu a cruel fera,
Entre arrancos violentos,
Da infame vida os ultimos alentos.

## EPODO 1.

Enxuga, enxuga o successivo pranto,
Que as faces descoradas,
Oh Elysia infeliz, te banha ha tanto.
Jà as espessas nuvens carregadas

Que os teus campos cobriaõ,
E taõ enorme estrago promettiaõ,
D' uma aura favoravel assopradas,
Velozes vaõ fugindo,
A luz que te eclipsavaõ descobrindo.

ANTISTROFE 1

Qual depois da tormenta tenebrosa,
Que os roxos horisontes
De negras nevoas cobre, os altos montes
Bramando abala, a face luminosa,
De raios coroado,
Mostra o sol mais brilhante;
Tal depois do sacrilego attentado,
No solio radiante,
O teu Monarcha augusto
Resplendece, empunhando o sceptro justo.

ESTROFE 2.

Jà a nefanda discordia, que, imprimindo,
Na terra a horrivel planta,
Com a tremenda fronte os ceos espanta,
Trez vezes a cabeça sacudindo,
As hydras venenosas
Frenetica esparsia
Do Tejo pelos margens arenosas,

E na ara torpe e impìa
Esperava impaciente
Do Luso sangue a victima innocente.

### EPODO 2.

Jà o sereno Tejo, receando
Ver de sangue manchado
O liquido cristal, suave e brando,
Na lapa fria, tremulo e enfiado,
A cabeça escondia.
Jà dos filhos crueis quasi se via
A grande Elysia, a quem o Ibero armado
Naõ poude ver domada,
Pelas profanas mãos despedaçada.

### ANTISTROFE 2.

Quando, oh Senhor, os olhos levantastes ;
E o negro monstro horrendo,
Sofrer as claras luzes naõ podendo
Que da serena face derramastes,
Com as azues serpentes
Tapa o rosto espantoso,
Espuma, morde a lingua, range os dentes,
Foge, foge raivoso,
E as conchas encrespando,
As enroscadas hydras vaõ silvando.

ESTROFE 3.

Ah ! corre, monstro infiel, monstro inimigo,
Corre da Lusa terra
Para onde, ardendo sempre em civil guerra,
Te offrece o feroz Thrace infame abrigo.
Là onde, em baixo estado,
Bysancio lastimosa
A' Europa mostra o jugo carregado ;
E, arrojando chorosa
O vil grilhaõ indinno,
Em vão busca, em vão chama a Constantino.

EPODO 3.

Sacrilego Typheo intenta ousado,
De Encelado assistido,
Trez vezes sobre o Olympo levantado
Erguer o Ossa, escalar enfurecido
Os muros de diamante
Que guarnecem o Empyreo scintillante ;
Depôr do solio a Jupiter temido ;
Vibrar nos altos montes
Os raios, invençaõ dos rijos Brontes :

ANTISTROFE 3.

Mas que pode o valor sem a prudencia?
A' furia devorante
Do rapido corisco crepitante,

Que esperavaõ vibrar com insolencia,
Jà tremem confundidos,
Cahem precipitados,
E das mesmas montanhas opprimidos
Que arrancavaõ ousados,
Em vão, em vão bramando
A terra assustaõ, chãmas vomitando.

ESTROFE 4.

Assim esses colossos da vaidade,
A que um furor violento
Incitou à sacrilega impiedade,
Intentavaõ mover o fundamento
Do vosso solio augusto ;
Mas do sceptro inflexivel
Que empunhais, grande Rei, severo e justo,
Ao aceno terrivel
Pallidos estremecem.
Aonde, aonde estaõ ? naõ apparecem.

EPODO 4.

Se de rotas entranhas palpitando,
Elysia, felizmente
Naõ vês rios de sangue estar manando ;
Se em nossas mãos naõ brilha horrendamente
A cortadora espada,
Contra, contra nòs mesmos empunhada ;
Se naõ vemos no Luso continente,

Quaes vio um tempo Italia,
Os detestaveis campos de Pharsalia.

ANTISTROFE 4.

Se, arruinados os frios monumentos,
Pelos ares naõ lançaõ
As cinzas dos heroes que em paz descançaõ
Os negros turbilhões dos rijos ventos;
Se no tempo futuro
Os curvos lavradores
Naõ descobrirem c'o arado duro
Dos seus progenitores
Os insepultos ossos,
Tristes reliquias dos civis destroços;

ESTROFE 5.

A vòs, Senhor, ao vosso portentoso
Animo inalteravel,
A's santas leis com que da formidavel
Astrêa armais o braço poderoso,
Tudo, tudo se deve.
Vòs, oh Senhor, frustrastes
As ciladas, e vòs em espaço breve
Os impios desarmastes:
Fizestes, justiceiro,
O castigo da culpa companheiro.

EPODO 5.

Ah! porque das correntes que despede,
Com placida harmonia,
O Pindo, naõ fartei a sacra sede?
Porque do Dirceo cysne a melodia
Naõ tem as minhas vozes?
Doce cysne, que em circulos velozes
Entre as nuvens d' um vôo se escondia,
Cobrindo d' alta fama
Os heroes a que honrou a Elêa rama.

ANTISTROFE 5.

Eu cantaria entaõ com digno metro
Como o disforme bando
Dos vicios reprimis; como, empunhando
Da santa Themis o dourado sceptro,
Colheis as puras flores
Das virtudes mais bellas,
E ornado dos seus claros resplendores,
Levais tè às estrellas
O vosso nome augusto,
Que ouvem com gloria os bons, os maos com [susto.

ESTROFE 6.

Entaõ ... mas que furor a alma me inspira?
Sinto na ardente fronte
Erriçar-se o cabello, sinto o monte

Tremer, mugir; a minha humilde lyra
Pouco a pouco se eleva;
Novo Numen me excita,
E a que os olhos me cerca torpe treva
Benigno precipita:
Fugì, fugì, profanos
Vos que ignorais das Musas os arcanos:

EPODO 6.

Que monstro, oh ceos! que horrivel monstro he
Que às nuvens se levanta? [este
Que de pluma veloz todo se veste,
E por cem olhos vê, cem boccas canta?
Que sem socego vôa,
E com aureo clarim o mundo atrôa?
Que os sublimes espiritos encanta
Nas vozes que derrama?
Ah! sim, tu es, tu es, heroica Fama.

ANTISTROFE 6.

Jà o metal canoro à bocca applica:
Jà em altos accentos,
Rompendo alegre os sibilantes ventos,
O vosso applauso, grande Rei, publìca.
Jà em tropel confuso
Correm ao som sobrano
Gentes diversas em costume e uso,

Quantas, padre Oceano,
Com teus braços abranges,
Desde o dourado Tejo, ao largo Ganges.

ESTROFE 7.

Povos da terra! brada, (ao som tremendo
Responde o velho Atlante,
O Tormentorio, o Catis arrogante,
E o Caucaso gelado estremescendo)
No throno Lusitano
Um Rei mais excellente
Que Cyro, que Alexandre, que Trajano,
Caminha diligente
Para o templo da gloria,
A dar emprego às filhas da memoria.

EPODO 7.

Naõ vestido de arnez luzente e forte,
Exercitos guiando,
Que semêaõ na terra o horror e a morte:
Naõ c'o feroz cavallo atropellando
Corpos despedaçados,
A' barbara ambiçaõ sacrificados:
Naõ soberbas muralhas arrasando,
Pelas mãos da impiedade,
Cujo aspecto detesta a humanidade.

ANTISTROFE 7.

Mas as horriveis furias aterrando
Da perfida arrogancia;
Mas os suaves rios da abundancia
Nos seus felizes povos derramando;
Opprimindo a cubiça;
As estradas seguindo
Onde a paz, a innocencia, a sãa justiça,
Da maldade fugindo,
As plantas estampàraõ
Quando velozes para o ceo voàraõ.

ESTROFE 8.

Vede como a cabeça lhe guarnece
Pacifica oliveira,
E ornado de uma gloria verdadeira,
Entre os seus ascendentes resplendece!
Que justo, que piedoso,
Para os povos costuma
Olhar, e para os ceos religioso!
Do teu antigo Numa,
Oh Roma, o louvor cala,
Que elle a Josè primeiro naõ iguala.

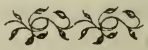
EPODO 8.

Em quanto o possuires, Lusa terra,
Veràs rugir raivosa

Presa com cem grilhões a dura guerra;
E das ondas a furia pavorosa
Temer tuas bandeiras,
E às curvas naus abrirem se ligeiras.
Oh! se os annos da vida taõ preciosa,
Para enchentes de gloria,
Podessem igualar sua memoria!

ANTISTROFE 8.

Sim, oh mortaes, por elle mesmo o juro:
O seu glorioso nome
O tempo, que a si proprio se consome,
Respeitarà no seculo futuro;
Eu mesma no meu templo,
Oh Principe famoso,
Dés que as reaes virtudes te contemplo,
Um throno magestoso
Vaidosa te destino
Sobre um Tito, um Aurelio, um Antonino.



# ODE XXXI.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR HENRIQUE JOSE' MARIA ADÃO DE CARVALHO E MELLO, NO DIA DAS SUAS NUPCIAS.

ESTROFE 1.

Se pelo cume do Heliconio monte,
Das Musas ajudado e dos amores,
Colho as eternas flores
De que adorna Thymbreo a immortal fronte;
Naõ a feroz guerreiro,
Que nas rapidas asas da victoria
Ao templo da memoria
Tinto de sangue vôa lisongeiro,
Tecer pertendo coruscante palma;
Mais suave furor se accende n'alma.

ANTISTROFE 1.

Fresca Oeiras, a ti dirijo o vôo,
E de meu hymno ao som soberbo e grato,
Com que aos ceos me arrebato,
Faço calar a inveja, o mundo atrôo.

De Dirce na bigorna
Nem sempre ha de suar cantor glorioso,
Para fazer famoso
Heroe a que Gradivo o timbre adorna:
Pois bem que do Olympo he prole sagrada,
Naõ he Bellona sò de Phebo amada.

EPODO 1.

Da bella Urania o filho venturoso,
Brandindo as sacras têas,
Hoje às tuas arêas
Me chama glorioso.
Elle faz com que fira o plectro armado
Da Thebana harmonia, o instrumento
Que mil vezes, no Menalo sagrado,
Immovel sobre as asas deixa o vento.

ESTROFE 2.

Por entre o horror dos annos celebrada
Pelo raro metal Corintho vôa:
Inda no Pindo sôa
Numidia em branco marmore afamada;
O Potosî precioso
Ostenta ufano a prata rutilante,
E o sérro onde furioso
O frio impera, o rigido diamante:
Nem pedras, nem metaes, villa ditosa,
Mas Hymeneo te faz hoje famosa.

ANTISTROFE 2.

Que airosa, entre a illustre companhia,
Brilha a esposa gentil! naõ sahe taõ bella
Do Ganges a aurea estrella,
A quem amante segue o novo dia.
Chêa de magestade,
Seus passos a modestia vem guiando:
A bella honestidade,
O casto pejo a vaõ acompanhando;
E sobre ella, ao passar, chuvas de flores
Das aljavas derramaõ os amores.

EPODO 2.

E com quanta impaciencia Henrique a espera!
Oh quantos, em mil giros,
Abrasados suspiros
Do ar vôaõ na esfera!
Que nova graça as innocentes maguas
Dando estaõ a seu rosto branco e tenro!
Todas dera Amphitrite suas aguas
Se comprà-lo podèra para genro.

ESTROFE 3.

Em seus brilhantes hymnos rica tela
Urde Cirrha com plectro fabuloso,
Para tornar famoso
O feliz hymeneo de Thetis bella.

Aos montes da Pharsalia
Traga do Olympo os Deuses; despovôe
Os rios de Thessalia;
Que por mais que fabule, e que pregôe,
Naõ verà nelles a futura idade
Desta excelsa uniaõ a magestade.

ANTISTROFE 3.

Oh quantas no aureo paço anda esparsindo
Alegre a nobre pompa altas riquezas!
Està nas lautas mezas
Em mil formas a prata reluzindo:
De Phidias animado
O ophir pela bella arte resplendece:
E no vario brocado
Que o suspirado thalamo guarnece,
Os longos olhos ceva da memoria
Dos famosos avòs a grande historia.

EPODO 3.

Vôaõ nuvens de aromas: os diamantes
Immensa luz diffundem,
Onde os raios brilhantes
De Cynthio se confundem.
Mas quaes brilhaõ no claro firmamento
De Leda os gemeos entre as mais estrellas,
Taes brilhaõ entre tanto luzimento
Dos consortes gentìs as almas bellas.

ESTROFE 4.

A fertil mãi de heroes, Lisboa invicta,
Novo, ao vê-los, espirito recebe,
E no peito concebe
Esperanças gentìs da antiga dita.
Do tempo os crueis dãnos
Vaidosa insulta, e jà se lhe figura
Ver os varões sobranos,
Em quem poder naõ teve a Parca dura,
No fructo que, oh Thalassio, lhe promettes,
Que Achilles nasce de Peleo e Thetis.

ANTISTROFE 4.

Debalde o naõ espera: a minha lyra,
Que dos Fados penetra a nevoa escura,
Fatidica lho augura.
Phebo naõ falla em vão quando me inspira.
Ha muito que torcendo
Estaõ as brancas Parcas o aureo fio,
De que vejo pendendo
Novos heroes, que o Luso senhorio
Cubraõ de gloria; a cujas grandes almas
Do Indo brota o campo novas palmas.

EPODO 4.

Jà novas colhe o Pindo harmonioso
Flores nas frescas fraldas

Para ornar de grinaldas
O berço venturoso.
Jà as candidas horas desveladas,
Para as portas abrir ao grande dia,
Esperaõ, de ouro e perolas toucadas,
O graõ momento chêas de alegria.

# ODE XXXII.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR JOAÕ DE SALDANHA, MORGADO DE OLIVEIRA.

ESTROFE 1.

Espirito sublime, que, librado
Sobre as asas da fama,
A' croa aspira de immortal memoria,
Em maximas severas ensaiado,
O vil ocio, a lisonja, a falsa gloria
Detesta, foge; e, denodado e forte,
Ou entre as armas corre,
Em cem batalhas affrontando a morte,
Ou de Minerva cultivando o campo,
A's santas Musas dà benigno amparo,
Que fazem mais que o sol seu nome claro.

ANTISTROFE 1.

Na Thessalica Musa assim cantava
O biforme Centauro,
De Thetis e Peleo ao filho ingente;
Assim no tenro peito lhe ateava

Da gloria e da virtude a chãma ardente,
Com que depois o vio pallido o Xantho
Cobrir a Phrygia terra
De immensa nuvem de amargoso pranto,
Quando, raio da guerra, ante seus muros
Os Teucros rompe, e entrega à voraz morte
De Troya o grande Heitor muro o mais forte.

EPODO 1.

Mas tu, oh ramo excelso dos famosos
Clarissimos Saldanhas,
Brasaõ e gloria de ambas as Hespanhas,
Para estampar da fama
Na grande estrada os passos gloriosos,
De mais sabio Chiron naõ precisaste
Que da alma illustre que teu peito anìma;
Que a luz formosa e clara, que derrama
Ante os olhos do sabio a alta virtude,
Conhece e segue, e mais que tudo estima.

ESTROFE 2.

Ella a todos instantes te appresenta,
Jà nos campos de Moca
O graõ Diogo, que, brandindo a espada,
Ou rompe o Belga infido, ou amedrenta;
Jà nos reinos d' Aurora marchetada
Antonio invicto, que, rasgando os mares
Sò c'o seu nome espanta

Arabes, Persas, Rumes, Malabares . . . . .
Oh quantas vezes, trovejando horrendo,
Neptuno ao vê-lo, de temor cortado,
No fundo se escondeu do mar salgado!

ANTISTROFE 2.

Qual fero turbilhaõ que as selvas corre,
E, bramando espantoso,
Quanto encontra feroz lança por terra,
Tal pelo Indico mar o heroe discorre.
Alli ao lado da cruenta guerra,
Em pranto, sangue, fogo e fumo afoga
Barborà presumida;
Là Quelme, cà Balsar, Maim e Goga.
Nem tu, bem que no seio o mais profundo
Do Herculeo golfaõ, Tunes, assentada,
A' furia escapas da talhante espada.

EPODO 2.

Entaõ teu nobre peito arder se sente
De Marte em fogo honroso;
Correr queres ao campo perigoso:
Mas, se o fervido braço
Entre as armas provar te naõ consente
A santa paz, mais bella estrada te abre,
Onde esmaltas de gloria o grande nome.
De Minerva no imperio immenso espaço

De louros te offreceu, louros que o tempo,
Por mais e mais que corra, naõ consome.

ESTROFE 3.

De teu aureo palacio a porta abriste
De Jove às castas filhas,
E ao som de suas lyras, sublimado,
A tua doce voz benigno uniste.
De profano desprezo o vulgo armado
O Pindo cobre de injuriosa fama;
Vão, inutil, ocioso
Ao sagrado de Phebo estudo chama:
Mas tu, que, abrindo ao grande genio as asas,
Sobre o vulgo ignorante te elevaste,
Suas barbaras vozes desprezaste.

ANTISTROFE 3.

A clara luz, que, na immortal carreira
Por onde à gloria vôas,
Com seus raios te illustra a sabia mente,
Do vil monstro te faz ver a cegueira.
Que em vão trabalha espirito excellente
Por o golfaõ passar do esquecimento,
Sem o, que Euterpe afina,
Rico de fama altisono instrumento:
Que da Asia o graõ terror, prostrado o mundo,
Entre tantas victorias sò suspira
Pelo aureo Vate da Meonia lyra.

EPODO 3.

Prosegue pois constante a grande empreza,
Bem que a inveja escura
De mil furias te assalte na figura:
Do Libano no monte
Cedro robusto os Aquilões despreza.
Prosegue; que jà vejo as santas Musas,
Aos hymnos desferindo as brancas velas,
De raios coroar-te a excelsa fronte:
Ellas arando o mar de teus louvores
Com teu nome ornaraõ novas estrellas.

# ODE XXXIII.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR MARTINHO DE MELLO E CASTRO, MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DE S. MAGESTADE FIDELLISSIMA NA CORTE DE LONDRES.

ESTROFE 1.

Almos hymnos Dirceos, prole sagrada
De Phebo sacrosanto,
De novo ornados coruscante manto,
Promptos descei da celestial morada:
Vinde, prole immortal, onde vos chama
Minha famosa lyra,
Que naõ em vão aspira
As portas immortaes da heroica fama
A novo heroe abrir, ao grande Mello,
Que, da opulenta Londres no regaço,
Da paz e da justiça ardendo em zelo,
A discordia suffoca com seu braço.

ANTISTROFE 1.

Jà vos, croados de virente louro,
O regio alvergue entrastes

Do magnanimo Lippe, onde cantastes
Seu grande nome ao som da lyra d'ouro.
Benigno se dignou de contemplar-vos
O principe excellente,
E na profunda mente,
Entre os grandes projectos, hospedar-vos.
Vaidosa Elysia entaõ d'entre as ruinas
A fronte alçou; correu o Tejo ufano
De criar nas ribeiras cristallinas
Cysne que iguala o graõ Cysne Thebano.

EPODO 1.

No aureo templo, onde a bella eternidade
O vão furor dos seculos affronta,
De palmas carregada o Luso conta
De filhos seus oh quanta immensidade!
Alli vê Nuno, raio de Mavorte;
Alli Corrêa, Lusitano 'Alcides;
Silvas, Jaques, Andrades, Ataides,
E outros, em quem poder naõ teve a morte,
Altos varões por quem as sacras Quinas
Vôaõ sobre as caudaes aguias Latinas.

ESTROFE 2.

Corfù o sabe, que, nas ondas suas,
De gloria coroada,
Ao scintillar da Lusitana espada,
Vio eclipsar-se as Ottomanas Luas,

E tu Calempuli, bem que escondida
Da Aurora no regaço,
De Antonio contra o braço
Do Neptunino muro em vão cingida.
Vos o sabeis, por Thetis separadas
Do mais mundo, oh nações sem lei, sem rito,
Que no fundo dos bosques, espantadas,
Ouvistes o trovaõ do Luso edicto.

ANTISTROFE 2.

Mas outro campo glorioso piza
O grànde heroe que acclamo;
E bem que de Mavorcio tronco he ramo,
Da guerra entre o furor naõ se abaliza.
Minerva a seu ingenito ardimento
Na mão as redeas toma,
E pouco a pouco doma
A furia que lhe inflãma o nobre alento:
Pois do grande Diniz vendo as proezas,
O juvenil ardor veloz se alçava,
E, feroz para as bellicas emprezas,
Por armas e cavallos jà bradava.

EPODO 2.

Bellas artes, de paz aureos cuidados,
Na fertil mente liberal semea,
Das quaes sem tempo os fructos sasonados
Attonita crescer vê Ulissea.

Vos, puras leis, que a mão da natureza
Abriu nas almas com buril agudo;
Vos, raio eterno da immortal belleza,
Suas delicias fostes, seu estudo:
Vos palma lhe tecestes mais preciosa
Que a corôa de Marte sanguinosa.

ESTROFE 3.

De esperanças e votos mil cercado,
Parte da patria amada;
Que aguia real, apenas implumada,
Deixa impaciente o ninho socegado.
Clame embora a calumnia, parto escuro
Da horrenda falsidade,
Que he sò madura idade
Da politica nau Tiphys seguro;
Que de Haia o grande heroe no rico seio,
Interprete fiel de altos arcanos,
Mostrando ao mundo està, de espanto cheio,
Que a prudencia naõ he filha dos annos,

ANTISTROFE 3.

Ao grande genio alli as asas solta;
E tanta luz derrama,
Que dos Sousas e Estrades deixa a fama
Do Lethes entre o denso horror envolta.
Mas novo campo o grande Rei destina
A' sua alta virtude;

Que na sonora incude
Batido ardente ferro mais se afina.
Parte em fim a illustrar Britania invicta;
Que ao largo espaço sò de um hemispherio
O principe dos astros naõ limita
O rico sceptro de um brilhante imperio.

EPODO 3.

Vôa a fama talhando a azul esphera;
E o Tamisa de louros coroado,
De cem faustos auspicios rodeado,
Na triunfante ribeira ufano o espera.
A' nova luz da grande intelligencia,
Londres suspensa n'alta mente escreve
Quantos, obrando, o grande heroe prescreve
Exemplos de valor e de prudencia.
E que vezes, ardendo em nobre inveja,
Adoptà-lo entre os filhos seus dezeja!

ESTROFE 4.

Mas qual negra procella, erguendo a fronte,
Pouco e pouco se eleva,
Tristemente cerrando em densa treva,
Lusitania gentil, teu horizonte!
Tartarea tuba, que o rancor inflãma,
Sobre tuas fronteiras
Oh que immensas bandeiras
De bravos campeões sem cessar chama!

A negra facha entre elles revolvendo,
Horrenda ruge a detestavel guerra,
A cujo som o templo estremescendo,
Da santa paz o Nume cahe por terra.

ANTISTROFE 4.

Jà o monstro cruel teus campos corre
Com sanguinosa planta;
Mas o insigne Mello, em affronta tanta,
Là da feroz Britania te succorre.
Cem soberbos baixeis vôaõ rasgando
As ondas Neptuninas,
Incendios e ruinas
A' presumida Iberia ameaçando.
Tantos em Troya a maquina arrogante
Heroes naõ brota, quantos, para ornar-te,
Nelles Mello te envia vigilante,
Bravos alumnos do Prussiano Marte.

EPODO 4.

Em quanto assim veloz prevê teus dãnos
Jà nova emprende celestial fadiga,
Com que a depôr por fim Bellona obriga
O ferreo sceptro dos cruentos annos.
Se rege incauta mão ferrado leme,
Entre as ondas boiante nau sossobra;
Mas se he destro piloto quem manobra,
Soberba piza o mar, que irado freme.

Surca em fim Mello a tumida campanha,
E ao lado a paz triunfante o acompanha.

ESTROFE 5.

Bello era ver, guiando o curvo pinho
Das Nereidas cercado,
Trilhar do mar o plano dilatado
No ondisonante carro o Deus marinho.
As aguas, com ligeiro movimento,
Risonhas se rasgavaõ,
E as velas enfunavaõ
Suaves os espiritos do vento.
Ao mesmo tempo, ao ver o heroe famoso,
Fugiaõ em tropel de toda a parte,
A esconder-se no Tartaro horroroso,
Os negros genios do protervo Marte.

ANTISTROFE 5.

Parìs, entre as lisonjas da esperança,
Nos braços o recebe,
E na fè, que de seu zelo concebe,
A desolada Europa em fim descança.
Ei-lo jà novo Edipo suffocando
A Esfinge da discordia,
E à celeste concordia
As asperas estradas aplanando.
Alli, da Egide armado da prudencia,
Defende da immortal patria os direitos,

Do rico manto ornando da eloquencia
Quantos Hugo dictou sabios preceitos.

### EPODO 5.

Voltemos, Musa, o leme scintillante
Do claro Mançanares para as margens,
Onde jà nos espera o heroe prestante.
Mas quem seguir do sol pode as viagens?
Feliz, alta Lisboa, em vão de dãnos
Armado o tempo contra ti conjura
Dos elementos a ira e a fouce dura,
Que consterna os mortaes na mão dos annos:
Pois a pezar do seu atroz desvelo,
Eterna te farà o grande Mello.

# ODE XXXIV.

A D. JOAÕ DA SILVA, TENENTE GENERAL DA CAVALLERIA DO EXERCITO DO ALENTEJO.

ESTROFE 1.

Sigamos, lyra, a prospera carreira,
Que do Tejo famoso
Tu ousaste no campo glorioso
Assinalar primeira.
Mas qual dos filhos teus, Lysia famosa,
Das Musas sobre as asas rutilantes,
Com a corôa honrosa
Dos hymnos scintillantes,
Que eu hoje em Pimpla teço,
E à eternidade offreço,
Ufano croarei? Ah! tu me ensina,
De famosos varões patria divina.

ANTISTROFE 1.

Serà o Grande Wamba, ou Opimano,
Ou Viriato acerbo,
Que a gran furia subjuga do soberbo

Usurpador Romano?
O fero Maia, o grande cavalleiro
De cem louros cercado triunfantes,
Que, surcando primeiro
Os campos inconstantes,
As Quinas Lusitanas
Das Luas Africanas
Fêz triunfar? mas nova resplendece
Clara estrella, que as outras escurece.

EPODO 1.

Tu, oh Silva famoso,
Emulo de Mavorte,
Que, em desprezo da morte,
Nos reinos da memoria,
Scintillando alta gloria,
Inda vives ufano,
De meu immortal hymno
Recebe o feudo dinno.

ESTROFE 2.

Soberbos muros de Elvas vencedora,
Vos, entre o fatal risco,
Vibrar o vistes o fatal corisco
Da espada abrasadora.
Ah! jà o vejo, ou vê-lo crê a mente,
Correr veloz ao levantado vallo:
Ei-lo jà impaciente

Sobre o feroz cavallo,
Ataca, fere, mata,
Dissipa, desbarata
O fero Ibero, e com triunfante planta
Dos soberbos leões piza a garganta.

ANTISTROFE 2.

Nuvem filha do ar, que Austro condensa,
Nos campos naõ arroja
A miuda saraiva, que os despoja,
Taõ rapida, taõ densa
Como, o bravo cavallo revolvendo,
Entre a selva de piques eriçada
Se lança o heroe tremendo,
Da fulgurante espada
Vibrando, irado e forte,
Funesta, immensa morte
Sobre o Ibero feroz, atè que a palma
Cede ao graõ valor da feroz alma.

EPODO 2.

Sobre as asas da fama,
Qual raio brilhante
De Delio coruscante
Pela terrestre mole,
O nome da alta prole
De Silva se derrama :

De susto o Indo cheio
O ouvio troar no seio.

ESTROFE 3.

Nos verdes hombros de Neptuno undoso,
As barbaras bandeiras
Cem faias floreando abrem ligeiras
O campo procelloso.
Entaõ do Malabar a confiança
Feroz se alçou : mil mortes, mil ruinas
Tramava às Lusas Quinas
Pelas mãos da vingança ;
E jà dentro na mente
Regìa o graõ tridente
Da Indica Doris, quando, irado e forte,
Sobre elle espalha Antonio immensa morte.

ANTISTROFE 3.

A fiel ave, que arma vigilante
O graõ furor de Jove,
Quando sobre os mortaes os raios chove
A dextra coruscante,
Taõ rapida ao rebanho temeroso
Naõ cala, a garra abrindo, das estrellas,
Como o varaõ famoso
Sobre as immensas velas
Cahe de grande ira armado,
Terçando denodado

A fera espada, e torna em seu estrago
O azul Oceano em roxo lago.

EPODO 3.

E qual raio luzente
De magestosa gloria
Nos bronzes da memoria
Derrama o heroe famoso,
Quando, o imperio algoso
Arando velozmente,
Oh Dio, te anuncia
Do graõ triunfo o dia!

ESTROFE 4.

Cruelmente abrasada, sem abrigo,
Sem muros, sem ameias,
Jà quasi o collo às barbaras cadêas
Dobravas do inimigo;
Quando là no Oriente scintillando
Surde do grande heroe a fausta estrella,
Teu horror dissipando.
Do feroz Cairo ao vê-la,
Entaõ pallida e fria,
A teus pès a ousadia
Por terra cahe: jà foge a tempestade
Que a acapellà-la corre sem piedade.

ANTISTROFE 4.

Se, solta a redea à rapida quadriga,
Por campo dilatado
Do Pindo guio o carro marchetado,
De immenso applauso auriga,
Vos sabeis, castas Nymphas, que as pizadas,
Que no Argivo Permesso o graõ Thebano
Deixou assinaladas,
Seguindo vou ufano;
E que de estranha gloria
De Joaõ a memoria
Naõ orno: mas a seu braço naõ faltaõ
Triunfos, que o graõ nome aos ceos exaltaõ.

EPODO 4.

As settas pois vibremos
De meu arco brilhante,
Oh lyra altisonante,
Ao campo Lusitano:
Alli Gibrela ufano
A fronte alçar veremos,
Onde do Luso escudo
Foi seu estoque agudo.

ESTROFE 5.

Do Ameixial veremos a campina
De mortos arrasada,

Onde em sangue cevou a ardente espada
A sede da ruina.
A fronte aos ceos alçar, chêa de gloria,
Montes Claros veremos ; e veremos
Como crôa a victoria
D'alta virtude extremos.
Rota a cruel batalha,
Densa nuvem coalha
De negro fumo o ar ; o bronze brama,
E os ferreos peitos em furor inflãma.

ANTISTROFE 5.

Entre o som dos tambores, dos gemidos,
Que vôa tristemente,
Do fogoso cavallo horrendamente
Resôaõ os nitridos.
Altos montes de corpos estroncados
Cobrem a cada passo a roxa terra :
Com horrorosos brados
Chama a funesta guerra
A morte pavorosa ;
E Iberia, que vaidosa
De sua immensa hoste a furia olhava,
De victoria crôada se julgava.

EPODO 5.

Quando, de esporas dando
Ao cavallo impaciente,

Sobre ella cahe valente
O campeaõ famoso;
E em seu seio furioso
A morte derramando,
A obriga a illustre alma
A ceder ao Luso a palma.

ESTROFE 6.

Dos feros annos contra a fouce dura
O cego orgulho Egypcio
Em vão lavrar com barbaro artificio
Novas armas procura:
A' livre patria dos sonoros ventos,
Delirando, solicito levanta
Soberbos monumentos
Com que as nuvens espanta.
Assim sua vangloria
A fastosa memoria
Eternisar procura; porque ignora
Que do tempo a virtude he sò senhora.

ANTISTROFE 6.

Mas apezar do barbaro ardimento,
Se desfaz e consome,
Na densa treva, o arrogante nome,
Do negro esquecimento.
Em quanto da virtude o campo arando
Vai Cyro, sem descanço a sua fama,

Mil raios scintillando,
Do abysmo se derrama
Da mais remota idade,
Atè da eternidade
Encher o immenso espaço: e em vão respiras
Contra elle, oh voraz tempo, as tuas iras.

EPODO 6.

Assim, Silva famoso,
De Mavorte entre os riscos,
Eternos obeliscos,
Pelos mãos da victoria,
Alçaste à tua gloria,
Domando o tempo iroso;
Assim Dirce te offrece
A palma que hoje tece.

LONDRES:—Na Imprensa de T. C. HANSARD, Peterboro' court, Fleet-street.